



FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FATECS

CURSO: Comunicação Social

HABILITAÇÃO: Jornalismo

CONFLITO NO CÁUCASO

Análise comparativa dos significados da guerra para os jornais The New York Times e Известия (Izvestia)

Aluno

Paulo Renato Souza Cunha
RA Nº 2056177/6

Orientadora

Mônica Igreja do Prado

BRASÍLIA/DF – JUNHO DE 2010

Paulo Renato Souza Cunha

CONFLITO NO CÁUCASO

Análise comparativa dos significados da guerra para os jornais The New York Times e Известия (Izvestia)

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD) como pré-requisito para a obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Graduação, na área Comunicação Social – habilitação em Jornalismo.

Orientadora: Mônica Igreja do Prado

BRASÍLIA/DF – JUNHO DE 2010

Paulo Renato Souza Cunha

CONFLITO NO CÁUCASO

Análise comparativa dos significados da guerra para os jornais The New York Times e Известия (Izvestia)

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD) como pré-requisito para a obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Graduação, na área Comunicação Social – habilitação em Jornalismo.

Orientadora: Mônica Igreja do Prado

Banca Examinadora

Professora Mônica Igreja do Prado
Orientadora

Professor Sérgio Euclides
Examinador

Ministro Rodrigo Santos
Examinador

BRASÍLIA/DF – JUNHO DE 2010

*Para Cristina, Marcella, Marianna e Vanessa
– princesinhas da minha vida...*

À memória do meu querido vovô Edyl, sempre!

AGRADECIMENTOS

A meus pais, por terem me oferecido educação, respeito e camaradagem.

Especialmente aos professores Sérgio Euclides, Paulo Paniago, Renato Ferraz, Severino Francisco, Irika Valentinovna e Ludmila Zaleskaya (responsáveis pelo meu crescimento acadêmico e intelectual). À orientadora Mônica Prado, exemplo de ser humano. Aos amigos da Universidade de São Petersburgo, sem os quais eu não teria acesso às informações detalhadas sobre os conflitos no Cáucaso. Aos educadores da escola Liden & Denz – localizada na urbe de Pedro I – por terem me ensinado amiúde sobre as belezas e mistérios do maravilhoso idioma russo.

Ao Disco Alto – banda que me acompanha em jornadas sonoras desde 2002. À fotografia, pois praticá-la desenvolveu olhar crítico e mudou minha percepção das ficções. Ao professor Adriel Sorriso, mestre da música. E, finalmente, à Xiquinha, por ter alimentado este pobre estudante de jornalismo que vos escreve.

A Deus.

“Aquele que se recusa a participar corre o risco de considerar-se melhor do que os outros e de, no interesse privado, fazer mau uso da crítica da sociedade como ideologia. Enquanto busca fazer da própria existência uma débil imagem da verdadeira, deveria ter presente essa fragilidade e saber quão pouco a imagem substitui a vida real.”

Theodor W. Adorno – *Minima Moralia*

RESUMO

Esta monografia é o resultado de quase dois anos de pesquisa sobre o mais recente conflito no Cáucaso, ocorrido em agosto de 2008. Desde as primeiras anotações, imaginava que este trabalho pudesse, de alguma forma, fazer parte de debates acadêmicas sobre a cobertura midiática em tempos de guerra. Ou, talvez, um pequeno atalho para discutir o futuro de uma profissão que, no meu entendimento, começa a apresentar sérios sinais de desconfiança. Mas o que haveria de errado com o nosso Jornalismo? Para responder parcialmente à pergunta, selecionei dois periódicos que documentaram a batalha na Ossétia do Sul entre georgianos e russos: *The New York Times* (Estados Unidos) e *Izvestia* (Rússia). Através deles, analisei a forma com que os governos envolvidos se relacionaram com a imprensa, além de avaliar alguns critérios de noticiabilidade apresentados durante o imbróglio. Em vários momentos, dialogo com a literatura teórica a fim de compreender as responsabilidades dos meios de comunicação nas construções de realidade. Outro aspecto considerado foi o papel determinante que as agências de notícia têm exercido no cotidiano do jornalista – o jornalismo de redação (desk journalism, em inglês), prática deveras comum durante o conflito no Cáucaso. Em suma, o objetivo desta monografia não é construir um manual do comunicador, porém questionar os papéis que a mídia tem exercido na nossa sociedade. Aqui, observaremos um dos campos de batalha mais complexos do jornalismo: a guerra dos posicionamentos governamentais.

Palavras-chave: *conflito no Cáucaso, responsabilidade jornalística, posicionamento governamental, The New York Times, Izvestia.*

ENTENDA O CONFLITO

Um dos livros que me acompanhou nas etapas da minha pesquisa sobre o conflito no Cáucaso foi *1984*, do escritor indiano George Orwell. Naquela obra, o autor exorciza alguns temores que, no final da década de 1940, pareciam deveras plausíveis num futuro não muito distante (1984, por exemplo). Há quem diga, porém, que o romance manifesto de Orwell está datado, ou que se tornou irrelevante. Mas a história insiste em atualizá-lo em diferentes contextos.

No caso da guerra entre russos e georgianos. Difícil não remeter ao personagem Winston Smith, sujeito que começa a duvidar dos poderes do Grande Irmão (leia-se Estado totalitário) e organiza-se para lutar contra ele. Paradoxalmente, Winston trabalha para um ministério que é responsável por manter a imagem do governante longe de qualquer questionamento: o Ministério da Verdade, ou miniver. Sabe-se que Orwell era jornalista e que, no período em que escreveu *1984*, ele constantemente discutia o papel da censura nos meios de comunicação – dos regimes comunista e capitalista.

Tais questões fizeram parte de praticamente todas as etapas históricas envolvendo a Rússia e a Geórgia. As primeiras tentativas de trocas (comerciais, culturais, bélicas etc.) entre esses dois países foram feitas no século 17. Era uma relação feudal, pois os russos protegiam o Cáucaso contra invasores, enquanto os habitantes daquela região ofereciam alimentos e produtos ao império (vale lembrar que até hoje os vinhos georgianos são muito apreciados pelos russos). Desde aquela época, as diferenças e, principalmente, os interesses entre os povos eram enormes. Havia desconfiança, das duas partes. E se os georgianos alimentaram alguma esperança de que isso iria mudar com a Revolução Bolchevique (outubro de 1917), os governantes em Moscou trataram de eliminar qualquer expectativa de igualdade.

Com o surgimento da União Soviética, a única mudança para os georgianos foi que eles deixaram de venerar o império russo e passaram a servir Lênin, Stálin, Krushev... E se eles esperavam que algum dia os ideais socialistas poderiam ajudá-los, na verdade, foram os próprios princípios soviéticos que lhes deixariam ainda mais perdidos entre as montanhas do Cáucaso.

Nos anos 1980, o comunismo na União Soviética estava em ruínas e passava por uma série de reformas organizadas pelo então líder Mikhail Gorbachev – entre

as principais estavam *Glasnot* (abertura) e *Perestroika* (reconstrução). Mesmo em crise, ninguém, nem mesmo os Estados Unidos, grande rival durante a Guerra Fria, esperava que a URSS pudesse deixar de existir – pelo menos, não da maneira que ela deixou de existir (SEBESTYEN, 2009). No entanto, em 9 de dezembro de 1991 o que parecia improvável aconteceu: era o fim da maior nação comunista do planeta. A notícia obrigou autoridades soviéticas a discutir o futuro dos Estados dependentes de Moscou – assunto que muitos veteranos do Kremlin jamais imaginariam ter que resolver em vida.

Como em boa parte dos satélites soviéticos, a Geórgia foi dividida arbitrariamente. Não existiu nenhum tipo de consulta popular ou estudos políticos aprofundados, o país foi simplesmente dividido por uma questão geográfica. Essa divisão fica bem clara ao analisar as fronteiras da Ossétia do Sul e da Ossétia do Norte. A primeira, território russo, fica ao sul das montanhas, enquanto a segunda, território georgiano, fica ao norte.

O principal problema dessa repartição ainda era o mesmo dos séculos anteriores: povos com culturas e interesses diferentes precisariam continuar a viver em grupos. A diferença é que as reações populares no século 21 conseguem atingir a um número muito maior de pessoas do que apenas as autoridades do império russo. E foi justamente o que aconteceu em 8 de agosto de 2008.

Antes de discutir os motivos dos envolvidos, é importante entender que, no dia anterior, autoridades russas e georgianas se encontraram em Tbilisi para conversar sobre as relações conflituosas no Cáucaso. Havia interesse de ambas as partes em manter a integridade territorial georgiana, mesmo com rebeliões a serem organizadas nas Ossétias a fim de unificá-las de uma vez por todas. Portanto, para os russos, foi grande surpresa descobrir que tropas georgianas tinham invadido a Ossétia do Sul na manhã seguinte.

Ainda sobre o ponto de vista dos russos, sabe-se que eles já sabiam das afinidades do presidente Mikheil Saakashvili com os planos de governo estadunidenses. Sabiam, inclusive, que Saakashvili discursava a favor de uma união mais consolidada entre EUA e Geórgia. O ataque à Ossétia do Sul poderia ser uma forma de mobilizar a comunidade internacional com a finalidade de incluir definitivamente a Geórgia na esfera de influência da OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte).

Saakashvili, por outro lado, resolveu lembrar as relações conflituosas e de exploração entre Rússia e Geórgia desde os primeiros contatos entre os dois povos. Para ele, era hora de a Geórgia, enfim, se posicionar diante de tanta opressão. Essa linha ideológica foi reforçada pelo então presidente dos EUA, George W. Bush, que prometeu defender a democracia georgiana com unhas e dentes.

Os russos não gostaram dessa intervenção estadunidense e prometeram “utilizar todos os recursos para que essa retórica ocidental fosse desvendada” (palavras de Vladimir Putin, em discurso à TV russa no dia 9 de agosto de 2008). A grande crítica do corpo diplomático do Kremlin foi a seguinte: se os Estados Unidos estavam tão interessados em defender a democracia na Geórgia, por que eles nunca tocaram no assunto sobre os regimes ditatoriais africanos, como, por exemplo, o Zimbábue? A resposta estava clara para eles. Não há commodities relevantes naqueles países. Por outro lado, Iraque e Geórgia são pontos estratégicos de petróleo e gás natural.

É provável que esses assuntos não tenham sido abordados por grande parte dos jornais russos e estadunidenses, pois, trata-se de um tema que, em algum momento comprometeria os interesses das duas nações. A cobertura midiática preferiu enfatizar o número de mortos, sem explicar aos leitores os porquês daquelas mortes. Isso levou os russos a crer que a suposta estratégia georgiana em atacar a Ossétia do Sul enquanto o mundo estava com as atenções voltadas para a abertura dos jogos olímpicos em Pequim teria dado certo.

O contra-ataque das tropas comandadas por Moscou, então, foi mais divulgado (e discutido) pela imprensa mundial do que a primeira invasão dos georgianos. Entretanto, veremos nas páginas seguintes que, em suma, nem a Rússia, nem a Geórgia atingiram os interesses particulares no conflito. Saakashvili não conseguiu fazer acordo com a OTAN e somente dois países além da Rússia reconheceram a Ossétia do Sul como Estado independente: Venezuela e Nicarágua. Além disso, os recentes ataques chechenos no metrô de Moscou mostram que as indiferenças entre o Cáucaso e os russos ainda estão longe de cessar-fogo.



Figura 1 - Mapa da região onde ocorreu o conflito entre georgianos e russos (Arte sobre mapa: Paulo Renato Cunha)



Figura 2 - Pequena cidade de Tskhinvali, na Ossétia do Sul (Crédito: Agência Tskhinvali)



Figura 3 - G. W. Bush e Mikhail Saakashvili: aliança durante o conflito (Crédito: Agência Reuters)



Figura 4 - Presidente Dmitri Medvedev discursa após os atentados na Ossétia do Sul (Crédito: Rianovosti)

"All the News That's Fit to Print"

The New York Times

Late Edition
Today, partly sunny, milder, high 48. Tonight, turning mostly cloudy, but not so cold. Low 25. Tomorrow, cloudy, showers arriving, high 45. Weather map appears on Page D8.

VOL. CLVII . No. 54,231 © 2008 The New York Times NEW YORK, MONDAY, FEBRUARY 25, 2008 \$1.25

In Memories of a Painful Past, Hushed Worry About Obama

By JEFF ZELEVNY
DALLAS — There is a hushed worry on the minds of many supporters of Senator Barack Obama, echoing in conversations from state to state, rally to rally: Will he be safe?
In Colorado, two sisters say they pray daily for his safety. In New Mexico, a daughter says she persuaded her mother to still vote for Mr. Obama, even though the mother feared that winning would put him in danger. And at a rally here, a woman expressed worries that a message of hope and change, in addition to ending the race, made him more vulnerable to violence.
"I've got the best protection in the world," Mr. Obama, of Illinois, said in an interview, reprising a line he tells supporters who raise the issue with him. "So stop worrying."
Yet worry they do, with the spring of 1968 seared into their memories, when the Rev. Dr. Martin Luther King Jr. and Senator Robert F. Kennedy were assassinated in a span of two months.
Mr. Obama was 6 at the time, and like many of his admirers, he has only read about the violence that traumatized the nation. But



George-Jordan Dimbo, II, is an Irish citizen, but his father, Ethebert, is not.

Born Irish, but With Illegal Parents

In a Changing Land, Deportation Threatens Families
By JASON DEPARLE
DUBLIN — Cork-born and proud of it, George-Jordan Dimbo is top to toe the Irish lad. He studies Gaelic, eats rashers, plays hurling, prays to the saints, papers his walls with parochial school awards, and spends Saturdays at the telly watching Dustin the Turkey, a wisecracking puppet, mock the power.
If the Irish government has its way, he may soon be living in Africa.
George, 11, is an Irish citizen and has been since his birth when Ireland, alone in Europe, still gave citizenship to anyone born on its soil. His mother and father, Hedonna and Ethebert Dimbo, are illegal immigrants from Nigeria, who brought him back to Ireland three years ago, judging it the best place to raise him.
Since then, the unusual trio — the Irish schoolboy and his African parents — have shared a single room in a worn Dublin hostel while facing a prospect dreaded by children on both sides of the Atlantic, a parent's deportation.
"Dear justice minister," George wrote when he was 9. "I heard my Mommy and Daddy whispering about deportation. Please do not deport us."
"Remember," he added, "I am also an Irish child."
Thousands of Irish children face similar

RIISING INFLATION PROMPTS UNEASE IN MIDDLE EAST

HIGH OIL PRICES A CAUSE

Strikes and Boycotts as Area's Middle Class Feels Squeezed

By ROBERT F. WORTH
AMMAN, Jordan — Even as it enriches Arab rulers, the recent oil-price boom is helping to fuel an extraordinary rise in the cost of food and other basic goods that is squeezing this region's middle class and setting off strikes, demonstrations and occasional riots from Morocco to the Persian Gulf.
Here in Jordan, the cost of maintaining life subsidies amid the surge in prices forced the government to remove almost all the subsidies this month, sending the price of some fuels up 75 percent overnight. In a devastating domino effect, the cost of basic foods like eggs, potatoes and cucumbers doubled or more.
In Saudi Arabia, where inflation had been virtually zero for a decade, it recently reached an official level of 6.5 percent, though unofficial estimates put it much higher. Public protests and boycotts have followed, and 19 prominent clerics posted an unusual statement on the Internet in December warning of a crisis that would cause "bread, cheating, armed robbery and resentment between rich and poor."
The inflation has many causes, from rising global demand for commodities to the monetary constraints of currencies pegged to the weakening American dollar. But one cause is the skyrocketing price of oil itself, which has quadrupled since 2002. It is helping push many ordinary people toward poverty even as it stimulates a new surge of economic growth in the Gulf.
"Now we have to choose: we either eat or stay warm. We can't do both," said Abdul Rahman Abdul Raheem, who works at a clothing shop in a mall in Amman and once dreamed of sending his children to private school. "We're not really middle class anymore; we're at the poverty level."
Some governments have tried to soften the impact of high prices by increasing wages or subsidies on foods. Jordan, for instance, has raised the wages of public-sector employees carrying less than 300 dinars (\$423) a month by 50 dinars (\$70). For those earning more than 300 dinars, the raise was 43 dinars, or 14 percent. But that compensates for only a fraction of the price increase.
Continued on Page A8



Secret Service agents with Senator Barack Obama last month.

Conservative Distrust of McCain Lingers Over '05 Deal on Judges

By CARL HULSE
WASHINGTON — Back in 2005, Senator John McCain of Arizona and fellow members of the so-called Gang of 14 were hailed as heroes in some quarters when they fashioned an unusual pact that averted a Senate vote on banning filibusters against judicial nominees.
Now Mr. McCain's central role in that effort, which cleared the way for confirmation of some conservative justices, is cited as one reason for lingering distrust of him among many conservatives. The power to appoint federal judges is seen as one of the most crucial presidential roles by many on the right, and some continue to believe the agreement undermined the Republican leadership at the precise moment the party was about to eliminate the ability to use procedural tactics to block judges.
James C. Dobson, an influential conservative leader, noted Mr. McCain's role in the bipartisan Gang of 14 in his announcement that he could not support the law.
"When people hear he was part of the Gang of 14, it leaves a bad taste in their mouths," said Paul Burress, president of the Citizens for Community Values, based in Ohio.
Even some colleagues now backing Mr. McCain consider the judicial agreement a sore subject.
"We had the votes to put both parties on the spot that whoever is president, Republican or Democrat, has a right to appoint and we have the right to vote up or down," said Senator Orrin G. Hatch, Republican of Utah and a former Judiciary Committee member at the precise moment the party was about to eliminate the ability to use procedural tactics to block judges.
Another Try for Nader
James C. Dobson, an influential conservative leader, noted Mr. McCain's role in the bipartisan Gang of 14 in his announcement that he could not support the law.
Ralph Nader will seek the presidency again, driven in part by frustration over efforts to thwart his last run. PAGE A5.

To Some Relief, Fewer Youths Jump Behind the Wheel at 16

By MARY M. CHAPMAN and MICHELINE MAYNARD
DETROIT — For generations, driver's licenses have been tickets to freedom for America's 16-year-olds, prompting many to line up at motor vehicle offices the day they were eligible to apply.
No longer. In the last decade, the proportion of 16-year-olds nationwide who hold driver's licenses has dropped from nearly half to less than one-third, according to statistics from the Federal Highway Administration.
Reasons vary, including tighter state laws governing when teenagers can drive, higher insurance costs and a shift from school-run driver education to expensive private driving academies.
To that mix, experts also add parents who are willing to chafe their children to activities, and pastimes like surfing the Web that keep them indoors and glued to computers.
Jaclyn Frederick, 17, of suburban Detroit, is a year past the age when she could get a Michigan license. She said she planned to apply for one eventually, but sees no rush.
"Oh, I guess I just haven't done it yet, you know?" said Jaclyn, a senior at Ferrisburgh High School in Ferrisburgh, Mich.
"I get rides and stuff, so I'm not worried about it. I'll get around to it, maybe this summer sometime."
Until she does, she has company. The national rate of licensed 16-year-olds dropped to 29.8 percent in 2006 from 41.8 percent in 1998, according to the Federal Highway Administration.
The falling rate of teenage drivers is perplexing to Michael T.

INSIDE

Bomber Kills Dozens in Iraq
At least 40 people were killed and 100 wounded when a suicide bomber ran into a highway rest stop crowded with Shiite pilgrims about 45 miles south of Baghdad, shouted "God is great" and detonated explosives, Iraqi officials said. PAGE A11

Sharp Reactions, in Russian
Some readers called it blatant propaganda from the West. Others viewed it as a depressing exposé that rang true. These were some of the reactions to Russians in an article in The New York Times on Sunday, translated into Russian, describing the crackdown on democracy under President Vladimir V. Putin. PAGE A9

Power Passes to 2nd Castro
Raul Castro became Cuba's new president, ending his brother Fidel's 49-year rule. The new leader made it clear that he would make no radical changes and promised to consult his brother on every important decision. PAGE A9

Bank's Action May Hurt Deal
The sale of Clear Channel's television unit to Providence Equity Partners, a buyout firm, is in danger of collapsing after Wachovia, one of the banks that was to finance the purchase, filed suit against Providence to back out of the deal. BUSINESS DAY, PAGE C2

Trying to Save the DVD
The battle over high-definition DVD formats may be over, but Hollywood studios are still struggling to prevent the obsolescence of DVDs. BUSINESS DAY, PAGE C1



PHOTOGRAPHS BY MONICA ALBERTA FOR THE NEW YORK TIMES

Oscar Country for the Coen Brothers

Ethan, left, and Joel Coen shared the Oscar for best director, and their film "No Country for Old Men" won best picture and two other honors at the 80th annual Academy Awards. Complete coverage includes fashion hits and misses, a report from the Carpetbagger and TV Watch by Alessandra Stanley. PAGE E1



BEST ACTOR
Daniel Craig
"There Will Be Blood"
BEST ACTRESS
Marion Cotillard
"La Vie en Rose"

Updated news.nytimes.com Tomorrow in The Times: Page D6

Continued on Page A13

Figura 5 - Capa do The New York Times em fevereiro de 2008 (imagem cedida por Bill Keller)

ПРОГРАММА ТВ

13 19

Сегодня в номере бесплатная удобная телепрограмма на будущую неделю

ИЗВЕСТИЯ

Александр Дившиц
колунист «Известий»
Страница 8

10 Пятница
11 Суббота
12 Воскресенье
Март 2006

ТЕЛЕКАНАЛЫ-КОНКУРЕНТЫ ОДНОВРЕМЕННО ВОЗОБНОВЛЯЮТ ВЫПУСК ЗВЕЗД НА СВОИХ ФАБРИКАХ

«ДЛЯ МЕНЯ ОПЕРА — ЭТО ЭКСТАЗ, А НЕ РАБОТА»
Людмила Казарюнская — «Известиям»

Газета выходит с марта 1836 года
При поддержке www.izvestia.ru

2 новости НЗ36 телевидение 4 культура

АУСТРИЯ 2.0 € / БЕЛГИЯ 2.0 € / ДАНИЯ 13.00 € / ФРАНЦИЯ 2.0 € / ГЕРМАНИЯ 1.80 € / ВЕЛИКОБРИТАНИЯ 1.40 € / ГРЕЦИЯ 2.0 € / ИТАЛИЯ 2.0 € / ЛЮКSEMBURG 2.0 € / НЕДЕРЛАНДЫ 2.0 € / НОРВЕГИЯ 18.00 € / ИСПАНИЯ 2.0 € / ШВЕДИЯ 18.00 € / ШВАЙЦАРИЯ 2.60 € / ТУРЦИЯ 2.60 €

ДЕЛО О СМЕРТИ ПИТЕРСКОГО ШКОЛЬНИКА ПЕРЕДАНО В СУД

новости →02

ТАЙНАЯ ЖИЗНЬ СОКРОВИЩ

Музеи Кремля — 200 лет

москва →07

КАК ВЫБРАТЬ ШКОЛУ ДЛЯ ПЕРВОКЛАССНИКА

образование →Н9

ПОКАЗАТЕЛЬНОЕ ВЫСЕЛЕНИЕ НЕПЛАТЕЛЬЩИКОВ

И вновь — отсрочка

москва →06

«Я БЫ НЕ ХОТЕЛА СНОВА БЕЗНАДЕЖНО ВЛОБИТЬСЯ»

Актриса Валентина Талькина — «Известиям»

преьера →Н12

МНОГОДЕТНЫМ ОТЦОМ БЫТЬ МОДНО

политика →Н1

«МОЯ КАРЬЕРА РЕЖИССЕРА ПОСТРОЕНА НА ОБМАНУТЫХ ОЖИДАНИЯХ ПУБЛИКИ»

Люд Бессон — «Известиям»

культура →14

ИЗВЕСТИЯМ - 170!

Сегодня, 13-го марта, вся просвещенная общественность, вся, не побоясь этого слова Думающая Россия, отмечает 89-летие «Известий» - и совершенно напрасно! Потому что, по результатам последних исследований, история «Известий» насчитывает как минимум 170 лет! Доказательством тому послужили обретенные черновики гоголевского «Ревизора», в которых легендарный отрывок со вступительной ревью городничего звучит следующим образом:

«Городничий: Я пригласил вас, господа, с тем, чтобы сообщить вам пренеприятные «Известия» (хлопает по столу свернутой газетой) - к нам едет ревизор!»

...и только стараниями царской цензуры, не пропустившей в печать упоминание о вольнодумном издании, интеллигенция так долго пребывала в заблуждении. Теперь же, когда досадное недоразумение улажено, и текст подлинника восстановлен мы с удовольствием поздравляем наших старших коллег!

Со 170-летием Вас, друзья!

Премьер без министров

Михаил Фрадков обвинил членов своего кабинета в «профпригодности»

Премьер-министр готов отправить в отставку глав экономических министерств и ведомств. Вышестоящие и высшей инстанции будут признаны профпригодными, проведя на заседании кабинета министров. Михаил Фрадков назвал фактически сразу 6 чиновников высшего ранга, которых грозит отставка, если они не смогут выполнить поручение президента и не удержат рост цен в запланированных рамках. Однако пока ни в правительстве, ни в профильных экономических ведомствах нет никаких новостей о том, как удержать инфляцию в кошельке гражданина на уровне 6-8%.

Евгения Николаева

Хотя вчера правительство объявило о решении рассмотреть вопрос о выделении средств на развитие инфраструктуры в течение первых двух месяцев этого года. Напомню, рост потребительских цен за январь-февраль составил 4,1%, что фактически является предельно допустимым уровнем. Но что из этого делать, чиновники никак придумать не могут. → стр. 18

Итог ответов на анонсы → стр. 18
Что придет в рост еще вывед. → стр. 18
Куда ушла пресс-секретарь премьера. → стр. 18

США навязывают России новую «холодную войну»?

Если Вашингтон не захочет видеть в Москве партнера, станет ясно: противостояние было не с коммунизмом, а с Россией.

Как раз в те дни, когда в Америку прилетел российский министр иностранных дел Сергей Лавров, сначала в Вашингтоне, а затем в Нью-Йорке прошла презентация доклада «Неверный путь. Россия: что могут и должны сделать Соединенные Штаты». Подготовка этого доклада специально созданная группа экспертов Совета по международным отношениям, объединившего внешнеполитическую элиту страны. Сопредседателями группы были бывший канцлер в вице-президента Соединенных Штатов демократ Джон Эдвардс и бывший член одной из республиканских администраций Джек Кемп. → стр. 2

Тегеран обещает пригнать в Америке «уверб и боль»

«Иранский вопрос» передан в Совет Безопасности ООН

Елена Шестерина

Международное агентство по атомной энергии (МАГАТЭ) недавно иранский доклад онегодного оператора Мушаммад аль-Барзани в Совет Безопасности ООН. Власти доклада в ответительные МАГАТЭ по программе не в состоянии предоставить данные того, что является программа Ирана. Иран президент исключительного мирового воли. Однако для Тегерана есть хорошие новости — пока вопрос о введении против него санкций в СБ ООН обсуждается не будет. Впервые решение о передаче в Совет Безопасности ООН озабочает Совет лишь провинциальными отом, как свидетельствуют МАГАТЭ последние шаги Тегерана в «негнром направлении». Но самое главное — и этот орган пока не поступит. А значит, и вопрос о санкциях откладывается на неопределенное время. → стр. 2

В Москву пожаловала «королева спорта»

Сегодня в Москве стартует XII чемпионат мира по легкой атлетике в зал. Одно из главных событий первой половины спортивного года повзрывает своим участием в российской столице собралось более 700 участников из 135 стран мира. За несколько дней до его начала в спорткомплекс «Спартак», где пройдут соревнования, побывали корреспонденты «Известий». Владимир Рыж

«Превращение в регион-локомотив — дело общее»

Губернатор Иркутской области Александр Титов

Процесс объединения субъектов федерации для решения сложных социально-экономических задач уже начал Пермский и Красноярский край и Камчатская область. Собор в этот ряд становится и Иркутская область. О перспективах развития региона рассказал «Известиям» губернатор Иркутской области Александр Титов. → стр. 12

Figura 6 - Capa de Izvestia depois da reforma visual do periódico, em 2006 (imagem cedida por: Vladimir Mamontov)



Figura 7 - Capa do *The New York Times* em 20 de agosto de 2008



Figura 8 - Capa do jornal *Izvestia* em 20 de agosto de 2008

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
1.1 Justificativa	18
1.2 Contextualização	21
1.3 Objetivos	26
1.3.1 Objetivo geral	26
1.3.2 Objetivos específicos	26
2 DESENVOLVIMENTO	27
2.1 Embasamento teórico	27
2.2 Metodologia	31
2.2.1 Levantamento de dados	32
2.2.2 Tratamento dos dados	35
2.2.3 Análise dos dados	40
2.2.4 Discussão dos resultados	42
3 CONCLUSÃO	48
3.1 Considerações finais	49
3.2 Recomendações	51
5 REFERÊNCIAS.....	53
6 ANEXOS	54

1 INTRODUÇÃO

Lembro-me até hoje das primeiras conversas sobre História que tive com meu avô, nos anos 1990. À época, minha curiosidade infantil mostrava-se um tantinho perdida e, para desespero (finamente disfarçado, diga-se) do interlocutor, eu gostava de caçar respostas deveras complicadas a uma criança que mal havia começado o primário. Entretanto, tive a sorte de ter antepassado provido de incriveis habilidades com os vocábulos. Meu avô, sem dúvida, foi minha primeira fonte intelectual em vida, já que sempre me estimulou a procurar conhecimento nas leituras. Através dele, consegui alimentar inúmeras bisbilhotices históricas – que, na adolescência, mostraram-se voltadas principalmente aos acontecimentos do, como bem descreveu Eric Hobsbawn (1995), breve século XX.

Por influência daquele autor, comecei a me interessar pela cultura russa (as grandes revoluções, os czares, a culinária, o povo sofrido de guerras). Apresentaram-me as obras de Sergei Mikhailovich Eisenstein, que, ao primeiro encontro, por ingênua falta de repertório, pouca coisa foi absorvida. Assistia aos desenhos russos, películas, vanguarda e, depois dessa catequização (quase) ortodoxa, comecei a me incomodar com as barreiras linguísticas que separavam o pré-universitário das realidades soviéticas.

Foi quando meu pai indicou-me professora de russo chamada Irika Valentinovna, uma bela senhora moscovita de cabelos loiros e falar tranquilo. Às portas do curso de jornalismo, planejava timidamente como utilizaria tamanho investimento paterno na comunicação social. Ao menos estava certo de que o tema do meu projeto de conclusão de curso seria sobre algum episódio relacionado à Rússia de Dostoievski. Literatura, por afinidades óbvias, parecia ser o objeto de pesquisa mais plausível. Entretanto, uma grandeza de assuntos habitava meus juízos – a Revolução de 1917, as guerras Bolcheviques, o governo czarista, a formação do Estado russo...

Por outro lado, a cada aula com a professora Valentinovna, percebia o quão distante a pátria de Leon Tolstoi ainda estava do resto do mundo (não apenas geograficamente). Pude notar que havia um grande hiato entre como os russos enxergavam a Rússia e como a cobertura de alguns meios de comunicação retratavam aquele país.

Apesar de essas indignações sobre os mais diversos problemas relacionados à imagem daquela região terem me inquietado com frequência (o que já seria um ótimo motivo para se iniciar pesquisa a respeito de), passei praticamente três anos do curso de jornalismo na dúvida sobre o assunto que estamparia a primeira página da minha dissertação. Contudo, no dia 8 de agosto de 2008, as tropas georgianas trataram de cessar incertezas. Enquanto boa parte do planeta acompanhava a abertura dos jogos olímpicos de Pequim, Mikheil Saakashvili – chefe de Estado da Geórgia – autorizou o então Ministro da Defesa Davit Kezerashvili a bombardear a Ossétia do Sul, uma região separatista que há muito buscava meios para voltar a ser influência direta do Kremlin. Iniciava-se, assim, outro conflito no Cáucaso. E eis que surgiram meus pontos cardeais.

1.1 Justificativa

Não escondo que meu envolvimento com a Rússia àquela altura foi crucial para a escolha definitiva do objeto de pesquisa. Após ler os noticiários no dia seguinte ao conflito, a constatação feita no momento em que comecei a estudar o idioma russo parecia se exemplificar nas páginas dos jornais. A outrora União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (em cirílico: Союз Советских Социалистических Республик – СССР) ainda era vista com olhos desconfiados pelo ocidente e o jornalismo daquele país parecia não transmitir credibilidade – tendo em vista a forma como foi ignorado por boa parte da imprensa estrangeira.

Coincidentemente, quando a guerra começou, eu estava trabalhando como estagiário no jornal *Correio Braziliense*. Renato Ferraz (editor de Suplementos) sabia dos meus estudos a respeito da Rússia e me indicou ao João Cláudio Garcia (editor de Mundo à época). João me pediu para escrever matéria sobre o conflito e, apesar do meu profundo desgosto com a cobertura do Cáucaso feita pelo *Correio* (jornalismo de redação – pondero sobre isso no desenvolver desta monografia), aceitei na hora. Afinal, era a minha chance de publicar uma reportagem que pudesse, enfim, dialogar com a imprensa russa.

A matéria foi publicada no dia 20 de agosto de 2008, no entanto, boa parte das fontes que eu havia conseguido com amigos das universidades de São Petersburgo e Moscou (cruciais, ao meu entendimento) foi ignorada. O conteúdo

estava recortado por outros *gatekeepers* que não participaram da apuração e que em nenhum momento dialogaram com este futuro repórter sobre possíveis edições.

Estou certo de que alguns leitores devem estar se perguntando: “Mas, Paulo, você era só um estagiário... Não pensou na possibilidade de ter se equivocado no processo investigativo dos fatos e, por esse motivo, seu editor, um profissional com mais experiência, resolveu optar por fazer algumas modificações?” Mesmo incomodado com aquela conjuntura, em nenhum momento descartei tal premissa – na verdade, esse estudo de caso nem seria citado com tamanho enfoque fosse apenas isso: uma escolha editorial. Porém, inquietação maior surgiu quando comecei a perceber o mesmo tipo de filtragem/apropriação ocorrendo em outras empresas jornalísticas – principalmente com textos enviados pelas agências de notícia. Ao ler as reportagens, fiquei com a impressão de que o autor do texto estava no campo de batalha, enquanto, de fato, escrevia sob o teto das redações.

Após esse episódio – deveras corriqueiro entre os mídia, contudo, ao meu ver, carente de acessíveis debates acadêmicos e, via de regra, seguido por conformismo equivocado –, decidi me distanciar do conflito jornalisticamente a fim de não prejudicar minhas pesquisas. Percebi que meu envolvimento com o Cáucaso havia se afastado das investigações teóricas e tornara-se qualquer coisa passional (manifestada em juízo de valor). O jeito foi recorrer à paciência, pois, já estava com as passagens compradas para São Petersburgo, onde morei durante sete meses (de abril a novembro de 2009). Apropriado dizer ao leitor que a chance de me relacionar com a cultura russa (física e intelectualmente, no caso) teve papel determinante nas minhas escolhas metodológicas e nas análises dos significados da guerra para os participantes da mesma.

Depois de realizada a pesquisa de campo em Petersburgo, explicitou-se que as grandes frustrações dos russos foram (1) ver o país humilhado pela comunidade internacional e, principalmente, (2) ler nos jornais a confirmação da fragilidade retórica dos líderes Dmitri Medvedev e Vladimir Putin. Trocando em miúdos, a voz dos mídia estrangeiros, com os respectivos significados do conflito de 2008, soava mais alto aos ouvidos das outras nações (às vezes, até dentro da própria Rússia o noticiário ocidental era tratado como fonte mais confiável). Essas constatações serviram para nortear definitivamente meus objetivos teóricos. Foi impossível não comparar o sentimento de impotência da Rússia diante das narrativas elaboradas pelos jornais de além-mar com as disputas estratégicas nos tempos de Guerra Fria

(1947 – 1991) – principalmente quando analisamos o papel dos meios de comunicações nas propagandas políticas das duas principais nações à época (EUA e União Soviética).

A fim de compreender como essas instituições (Estado e Jornalismo) se relacionaram durante o recente conflito no Cáucaso, resolvi, então, analisar reportagens dos periódicos *The New York Times* (estadunidense) e *Izvestia* (russo). O principal motivo que me levou a escolhê-los foi a participação desses jornais em praticamente todos os acontecimentos políticos envolvendo os governos daqueles países desde a Revolução de 1917 (inclusive, tento dialogar com vários exemplos). Ajudou, também, o fato de ambos oferecerem vasto arquivo eletrônico sobre as guerras no Cáucaso (ferramenta que auxiliará outros pesquisadores em futuras ampliações teóricas e, sobretudo, permitirá ao leitor uma verificação detalhada dos estudos aqui apresentados). À parte disso, encontra-se a credibilidade dos selecionados dentro das respectivas fronteiras de origem. Os periódicos *The New York Times* e *Izvestia*, apesar de várias vezes sofrerem críticas pontuais, ainda gozam de prestígio nativo e são vendidos em diferentes nações; características que podem facilitar a avaliação do grau e do alcance de influência de cada um, por exemplo.

Esclarecidos os porquês, antes de seguirmos em frente, gostaria de lembrá-los que todas as escolhas realizadas no desenvolvimento desta monografia foram feitas por estudos comparativos e com o auxílio dos pressupostos teóricos. Estou convicto de que meus quatro anos no curso de jornalismo do **UniCeub** e as diversas atividades que realizo dentro da comunicação social (fotografia, design gráfico, música etc.) me capacitaram a realizar escolhas metodológicas com certa imparcialidade. De fato, esse contexto intelectual foi o grande responsável por criar inquietações a respeito das enormes incoerências entre o jornalismo real e as teorias que são ensinadas nas universidades – discrepâncias que poderemos encontrar nos objetos aqui selecionados. Não à toa, Roger Silverstone (2005, p.9) propôs estudos mais aprofundados sobre a mídia, não só por ela estar presente em todos os aspectos de nossa vida cotidiana, mas por ela estar “no cerne da experiência, no coração de nossa capacidade ou incapacidade de compreender o mundo em que vivemos.” Enfim, o último pormenor é sobre os diários *The New York Times* e *Izvestia*. Importante ressaltar que me senti à vontade ao escolhê-los, pois fui alfabetizado em inglês na Escola das Nações de Brasília (School of the Nations)

e tenho diploma de língua russa (Liden & Denz Language Centre) reconhecido internacionalmente. Contudo, mesmo com o domínio dos idiomas citados, optei por seguir recomendações dos professores e colegas tradutores em inúmeras ocasiões. Peço àqueles que se interessarem pelo assunto que leiam este trabalho sempre com o objetivo de torná-lo mais amplo e preciso (se assim desejarem). Afinal, como bem escreveu Silverstone, já passou da hora de levarmos a mídia a sério (SILVERSTONE, 2005, p.10) e meus estudos são apenas pequenos recortes dessa enorme colcha midiática de retalhos que ainda carece de muitos cuidados.

1.2 Contextualização

Desde a escolha do tema desta monografia, uma das minhas maiores preocupações foi explicar exatamente às pessoas sobre qual conflito no Cáucaso analisei durante as pesquisas de campo. Esse direcionamento mostrou-se deveras necessário principalmente depois que alguns colegas me perguntaram a respeito de quantas guerras havia acontecido naquela região – a grande maioria, inclusive, acreditava que a de 2008 tinha sido a única. Apesar de muitos terem considerado uma réplica um tanto vaga, gostava de responder sempre com o mesmo pronome indefinido: várias. Tivesse eu tentado explicar as minúcias de cada uma, provavelmente, estaríamos até agora conversando a propósito do assunto. Mesmo porque, estou longe de compreendê-las empiricamente para elucidá-las com segurança histórica necessária (vale lembrar, também, que diversos estudiosos ainda reclamam que uma enormidade de informações sobre os primeiros conflitos se perdeu durante o período em que a União Soviética foi liderada por Josef Stálin). Embora exista dificuldade de listar com exatidão o número de vezes em que o Cáucaso foi palco de guerras, dizia aos amigos que o primeiro passo era entender que não houve apenas um conflito isolado, mas sim uma série de atritos que frequentemente se tornam o estopim de novas batalhas.

Graças aos artigos publicados pelo professor Donald Rayfield¹, essas importâncias foram percebidas por mim antes de as tropas georgianas bombardearem a Ossétia do Sul. Em um desses ensaios, Rayfield explica que “o passado intimidador e o presente ameaçador impossibilitam russos e georgianos de

¹Donald Rayfield é professor do departamento de línguas modernas do Queen Mary College, Universidade de Londres. Atualmente, Rayfield é editor do dicionário *A comprehensive Georgian-English Dictionary* (Garnett Press, 2006), publicação que reúne mais de um milhão de verbetes em línguas inglesa e georgiana.

viverem como vizinhos pacíficos” (2007, tradução nossa). No mesmo texto, o estudioso ratifica que as tortuosas relações entre aqueles países há anos já faziam parte de esboços acadêmicos e que seria preciso tomar muito cuidado na hora de expor qualquer tipo de peculiaridade a respeito. Rayfield acredita que a hostilidade mútua na região do Cáucaso é hoje traduzida por uma série de equívocos históricos, evidenciando falta de preparo de alguns jornalistas ao escreverem sobre as questões geopolíticas do local. Para ele, essas características devem necessariamente fazer parte do repertório dos mídia a fim de evitar *aberrações* (2006, tradução nossa, grifo nosso). Mas o que teria levado tantos outros acadêmicos (entre os quais se destacam o búlgaro Ivan Krastev² e o irlandês Fred Halliday³) a suspeitarem dos conteúdos sobre o imbróglio caucasiano publicados nos meios de comunicação? Teria sido apenas o despreparo dos repórteres que foram enviados para cobrir o conflito? As agências de notícias, que em várias ocasiões funcionaram como fonte primária aos mídia, seriam as responsáveis? O que diriam os editores do *The New York Times* a respeito disso? Como se defenderiam os jornalistas do periódico russo *Izvestia* ao serem acusados de tentarem promover a ideologia governamental em matérias publicadas no próprio jornal?

Para respondermos a essas (e tantas outras) perguntas, precisaremos voltar às primeiras linhas da contextualização: afinal de contas, de qual conflito no Cáucaso estamos falando? Indiretamente, de todos, porém, diretamente (devido ao espaço limitado) iremos abordar os acontecimentos relatados entre os dias 8 e 16 de agosto de 2008. Apesar de muitos jornais terem recortado esse período em “início, meio e fim” da guerra, pediria aos leitores que, por enquanto, não considerassem tal premissa como verdade absoluta – logo vêm as explicações.

Vamos agora dialogar um pouco com as características históricas do *The New York Times* e do *Izvestia* (que em português significa “informar” – tradução nossa). Como já foi dito, um dos motivos que me levaram a escolher esses diários foi o fato de ambos terem participado de coberturas de guerras com características parecidas com as do Cáucaso. O periódico nova-iorquino (criado em 18 de setembro

²Ivan Krastev é membro do Centro Estratégico Liberal em Sofia, Bulgária.

³Fred Halliday, escritor e especialista em relações internacionais, é considerado uma grande referência intelectual em assuntos sobre a Guerra Fria, o Irã e a Península Arábica.

de 1851)⁴, diga-se, ainda é constantemente mencionado em trabalhos intelectuais sobre as guerras no Vietnã⁵ e no Oriente Médio. Por exemplo, em pesquisa a respeito das reportagens publicadas pelo *The New York Times* durante uma negociação entre palestinos e estadunidenses no ano de 1976, o linguista Noam Chomsky indica que as matérias registradas nas páginas daquele jornal foram tendenciosas, pois teriam seguido a mesma linguagem adotada nos discursos do governo norte-americano (ou seja, defender os interesses de Israel). Dizia Chomsky:

Líderes israelenses são elogiados pelos editores do *New York Times* por seu “pragmatismo saudável”, ao passo que a OLP [Organização para a Liberação da Palestina] é acusada de obstruir o caminho da paz. (...) A imprensa nacional recusou-se a noticiar os fatos; o *New York Times* chegou a recusar cartas que se referissem a eles, enquanto continuava a denunciar o “extremista” Arafat [o inimigo] por impedir a realização de um acordo pacífico. (CHOMSKY, 2002, p.53, aspas do autor).

Laurel Leff, professor de jornalismo da Northeastern University (Boston, Estados Unidos), também defendeu a tese de que o *The New York Times* costuma ser controverso nas coberturas militares ao tomar decisões editoriais não compatíveis com os princípios jornalísticos. No livro *Buried by the Times*⁶ (LEFF, 2003) ele acusa (entre outras denúncias) o jornal de ocultar atrocidades nazistas por questões ideológicas do então editor-chefe Arthur Hays – um governista que defendia o comércio entre os Estados Unidos e a Alemanha de Hitler no período pré-guerra mundial.

Tais verificações nos levam às seguintes indagações: por que, mesmo depois de respeitados trabalhos acadêmicos criticando a prática jornalística do *The New York Times*, ele ainda é um dos jornais mais circulados nos Estados Unidos⁷ e um dos mais influentes do mundo? Seriam os próprios intelectuais tendenciosos? Ou os estudos realizados por eles não foram capazes de modificar a opinião pública? E quem são os responsáveis pela (in)formação pública? Antes de nos aprofundarmos

⁴Artigo escrito pela editora Janet L. Robinson do *The New York Times* publicado na revista *Media Owners* em fevereiro de 2007 (leia mais em: www.mediaowners.com/company/newyorktimes.html).

⁵Guerra do Vietnã ocorreu entre os anos de 1959 e 1975. Segundo o filósofo britânico Russel Bertrand, foi um dos conflitos que mais evidenciou as características estratégicas adotadas por países capitalistas (Estados Unidos) e comunistas (principalmente a União Soviética). Para pesquisas aprofundadas, recomenda-se leitura dos livros *War crimes in Vietnam* (RUSSEL, Bertrand. George Allen & Unwin Ltd, 1967) e *A história da Guerra Fria* (GADDIS, John. Nova Fronteira, 2006).

⁶*Buried by the Times* (LEFF, Laurel. Cambridge University Press, 2003) foi eleito o melhor livro sobre história da mídia pela American Journalism Historians Associations em 2004.

⁷De acordo com os números divulgados no relatório da **Audit Bureau of Circulations** em 30 de setembro de 2009, o *The New York Times* tem circulação de 927,851 jornais por dia; em terceiro na lista dos EUA.

nesses questionamentos, precisamos analisar as características do *Izvestia*⁸, a fim de também colocá-lo no campo de batalha. No caso do periódico russo, quando se trata de política e jornalismo, é provável que a própria biografia seja mais esclarecedora do que qualquer estudo acadêmico realizado sobre ele. Vejamos:

A história desse jornal começa em março de 1917, poucos meses antes da segunda tentativa de revolução organizada pelos Bolcheviques. À época, ele se chamava *Notícias de Petrogrado* e era aliado confesso do partido Menchevique, que utilizava as páginas noticiosas para atacar os planos políticos-socialistas criados por Vladimir Ilyich (popularmente conhecido como Lenin). Entretanto, os dias de oposição do *Izvestia* estavam contados. Assim que os revolucionários chegaram ao poder (em outubro de 1917), os Bolcheviques confiscaram as publicações russas, tornando-as órgãos oficiais do governo vermelho. Sabe-se que no período em que a União Soviética ocupava boa parte do mapa-múndi, o *Izvestia* era basicamente um veículo propaganda a panfletar agendas e feitos do partido comunista sobretudo durante os combates indiretos com os Estados Unidos ocorridos durante a Guerra Fria.

A sorte do diário russo só veio a mudar depois do colapso soviético (1991), período em que o jornal iniciou campanha para se estabelecer uma imprensa livre em prol da Rússia. Há, inclusive, consenso naquele país de que os anos 1990 foram decisivos para o *Izvestia* entrar ao tímido grupo dos jornais independentes pós-União Soviética (BIGG, 2005). No entanto, outra manobra governamental colocaria mais uma vez em cheque a imparcialidade do jornalismo exercido pelo *Izvestia* (ironicamente, 88 anos depois de ter sido apropriado pelos Bolcheviques). Em março de 2005, a empresa Gazprom – extratora de gás natural controlada pelo governo – comprou 50,19% das ações do *Izvestia*. A réplica dos mídia russos pode ser resumida no pronunciamento feito por Igor Yakovenko, secretário geral da União dos Jornalistas Russos. Segundo ele, a Gazprom *matará* o *Izvestia* do mesmo jeito que *matou* outras mídias nacionais. (POTANIN, 2005 apud BIGG, 2005, grifo do autor, tradução nossa). Apesar das previsões calamitosas, os editores do periódico tentavam garantir que a afinidade entre os proprietários da Gazprom e o Estado não afetaria muito o fazer jornalístico. A discussão mal havia começado, quando, em março de 2008 (às vésperas do conflito no Cáucaso), o *Izvestia* mudou de dono pela

⁸Todas as informações referentes à história do *Izvestia* foram cordialmente compartilhadas pelo editor daquele jornal, Yuriy Chechikhin, em 19 de dezembro de 2008; e pelo professor de história do jornalismo da Universidade Estadual de São Petersburgo, o senhor A. N. Kashevarov.

segunda vez em menos de três anos. E, de novo, gerou polêmica, pois se tratava de um antigo sócio do primeiro-ministro Vladimir Putin: o empresário Yuri Kovalchuk, dono da seguradora SOGAZ, que resolveu adotar o mesmo discurso de “imprensa livre até certo ponto”.

Pode-se perceber que tanto o *The New York Times* (com as questões envolvendo os interesses do governo estadunidense na luta contra o “terrorismo internacional”) quanto o periódico russo *Izvestia* (sempre acompanhado pela sombra do Estado) foram – e são – constantemente criticados por determinadas posturas editoriais. Todavia, ambos ainda conseguem ser relativamente absolvidos dentro dos respectivos países de origem. Mas, por que razão? Estariam os jornais manipulando os leitores a favor da ideologia do Estado? A guerra no Cáucaso teria sido apenas um pequeno reflexo dessa manipulação? Se existe o discurso de imparcialidade na prática jornalística, por que tantas reportagens a respeito do conflito mostraram-se tão desiguais e tendenciosas? A quem eles queriam agradar? Enfim, diante de todos os questionamentos apresentados no decorrer desta contextualização, elaborei a seguinte pergunta de pesquisa:

De que maneira as posições distintas dos governos russo e estadunidense se relacionaram com os discursos dos periódicos The New York Times e Izvestia?

1.3 Objetivos

1.3.1 Objetivo geral

→Analisar as reportagens publicadas nos diários *The New York Times* e *Izvestia* sobre o conflito no Cáucaso entre os dias 8 e 16 de agosto a fim de esclarecer de que forma os jornais selecionados abordaram as posições distintas dos governos dos Estados Unidos e da Rússia.

1.3.2 Objetivos específicos

- Verificar se aqueles periódicos foram porta-vozes dos interesses governamentais;
- Dialogar com as teorias do jornalismo;
- Examinar como interferências das agências de notícia podem prejudicar o Jornalismo.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Embasamento teórico

Começamos este capítulo com o lúcido estudo feito por Nelson Traquina (2001, p. 78) sobre as influências econômicas nos processos de criação de uma notícia: “O jornalismo é também um negócio. [...] As receitas provêm essencialmente das vendas e da receita da publicidade. [...] Na imprensa, os jornalistas enchem o espaço deixado em aberto pelos anúncios”. Vamos supor, então, que essa lacuna (ou seja, espaço destinado às notícias) fosse realmente pré-determinada pela companhia que investiu na empresa jornalística. Para exemplificar melhor, suponhamos que o periódico *X* seja patrocinado por uma construtora que, de repente, se envolve em um grande escândalo. Como acreditar que o periódico *X* possa ser totalmente imparcial na hora de se posicionar *contra* a própria fonte de renda? Por enquanto, guardem essas implicações, pois voltaremos a elas daqui a pouco.

Antes de analisarmos as reportagens dos jornais selecionados nesta monografia, precisamos compreender também que a publicidade, apesar de desempenhar papel crucial nas escolhas de conteúdo, não é a única que determina o valor-notícia dentro de uma redação. O próprio comunicador faz parte (direta ou indiretamente) de uma série de filtragens antecedentes à publicação das matérias – conceito que as teorias do jornalismo chamam de *gatekeeper*⁹. Dialoguemos mais uma vez com a literatura para descrevermos esse termo observado por David Manning White nos anos 1950, quando o mesmo mostrou estudos sobre a atividade de um jornalista estadunidense que selecionava os fatos através de processos subjetivos e arbitrários. Nelson Traquina, embora reconheça as limitações nesses aspectos, reserva espaço no livro *O estudo do jornalismo do século XX* (2001, p.68) para discutir a função desempenhada pelos *gatekeepers* em produções noticiosas. Vejamos o que disse o professor:

⁹“Elaborado por Kurt Lewin num estudo realizado em 1947 sobre as dinâmicas interativas nos grupos sociais, em particular com respeito aos problemas ligados à mudança de hábitos alimentares.” (WOLF, 2008, p. 184).

Nesta teoria, o processo de produção da informação é concebido como uma série de escolhas onde o fluxo de notícias tem de passar por diversos *gates*, isto é, “portões”, que não são mais do que áreas de decisões em relação às quais o jornalista, isto é, o *gatekeeper*, tem de decidir se vai escolher essa notícia ou não. (TRAQUINA, 2001, p. 69, grifo do autor).

Como bem explica o próprio Traquina depois de apresentar o conceito de *gatekeeper*, é extremamente arriscado recorrer a essa teoria em estudos midiáticos, “pois ela analisa as notícias apenas a partir de quem as produz: o jornalista” (2001, p.70). Entretanto, se empregarmos os mesmos princípios apresentados por White em um contexto mais amplo, perceberemos que esses “porteiros” podem sofrer influências exteriores (publicidades, oriundas de onde for) que orientariam os processos de produção de uma reportagem. Trocando em miúdos, é provável que os jornalistas do periódico *X* sejam avisados com antecedência de que informações comprometedoras sobre a construtora (patrocinadora) não serão publicadas. Nesse caso, houve um direcionamento e, a partir dele, o repórter buscará as próprias escolhas (condicionadas, é claro). O processo termina quando o produto final chega ao editor (o último *gatekeeper*), que decidirá como essas subjetividades podem ser anunciadas (TRAQUINA, 2001, p.71).

Vejam que, neste primeiro momento, meu objetivo não é dar nome aos bois, mas sim conscientizar o leitor de que trataremos os diários *Izvestia* e *The New York Times* como empresas jornalísticas dependentes de publicidades (leia-se: patrocinadores) para funcionar. Precisamos agora descobrir quem são aqueles que negociam em nome dessas companhias e saber se eles influenciaram nos discursos adotados por esses jornais durante o conflito no Cáucaso. Voltemos à literatura acadêmica.

Pode-se dizer que, quando um país está em guerra, a mídia tende a se tornar uma espécie de porta-voz do governo. Noam Chomsky, por exemplo, acredita que um jornalismo tendencioso é capaz até de mudar a história a fim de defender os interesses do Estado. A mídia, nesse caso, funcionaria como agente norteador de ideologias, pois é a grande responsável por moldar a opinião pública (2006, pp.19, 31).

Para exemplificarmos melhor esses contextos apresentados por Chomsky, precisamos observar as questões geopolíticas no Oriente Médio e, como disse o autor, “a exploração da mídia” naquela região (2006, pp. 53, 68). Em 1976, a OLP

(Organização para a Libertação da Palestina) tentou fazer um acordo de paz com Israel – aliado dos Estados Unidos. No entanto, ao invés de um contrato pacífico, houve bombardeios e trocas de acusações. Naquela ocasião, o governo de Israel, liderado por Yitzhak Rabin, anunciou que não participaria de nenhuma negociação com palestinos a respeito de assunto algum (mais ou menos como tem acontecido agora no Cáucaso). Além de acusar a mídia estadunidense – particularmente o *The New York Times* – de ter omitido os fatos e de não ter dado palavra (leia-se: espaço) aos líderes palestinos, Chomsky aponta o governo americano como o grande responsável por essas escolhas arbitrárias.

Ao adotar uma linha ideológica visando a impedir a compreensão dos fatos e dos problemas, o *New York Times* segue o exemplo dos modelos israelenses, tais como existentes na pessoa de Rabin, que consegue o status de “moderados” em virtude de sua conformação geral às exigências do governo americano. (CHOMSKY, 2006, p. 53, grifo do autor).

Alguns episódios contextualizados, e ainda com a ideia fixa de que os objetos desta pesquisa são empresas jornalísticas; podemos, então, dialogar com os conceitos de *agenda-setting* presentes na literatura acadêmica. O primeiro auxílio dessa teoria para este trabalho é dizer que não podemos simplesmente prejulgar a mídia como tendenciosa, mas podemos dizer que “a compreensão das pessoas em relação a grande parte da realidade social é modificada pelos meios de comunicação de massa” (SHAW, 1979 apud WOLF, 2008, p. 143). Assim, não seria equívoco dizer que as reportagens do *Izvestia* e do *The New York Times* (de um jeito ou de outro; com ou sem o auxílio do governo) guiaram as opiniões dos leitores.

A hipótese da *agenda-setting* também nos permite concluir que os dois periódicos citados foram, durante o conflito no Cáucaso, veículos de *realidades*. Ou seja, tudo aquilo que era apresentado nas páginas desses jornais poderia ser interpretado como “o real”. Observemos o que a literatura tem a nos falar sobre verdades midiáticas:

À medida que o destinatário não é capaz de controlar a exatidão da representação da realidade social, com base em algum padrão externo à mídia, a imagem que ele forma para si mesmo mediante essa representação acaba por ser distorcida, estereotipada ou manipulada. (Roberts, 1972 apud WOLF, 2008, p. 144).

Seguindo a mesma linha de raciocínio sugerida por Mauro Wolf (2008) a respeito dessa distância entre destinatário e representação (no nosso caso, entre os

leitores e as características do conflito), pode-se dizer que os critérios de relevância presentes tanto no *The New York Times* quanto no *Izvestia* foram, no mínimo, decisivas para direcionar a opinião pública. Com base nisso, o maior desafio dos consumidores de notícia seria, então, verificar se o que foi publicado é, de fato, uma “realidade confiável”. E, diante dessa troca de garantias, o pior cenário possível seria descobrir que as representações da realidade social podem estar longe daquilo que realmente aconteceu. Essa distorção foi verificada nas coberturas jornalísticas do Cáucaso pelo professor Donald Rayfield

Muitas reportagens sobre essa “guerra curta e suja” foram fundamentadas em versões publicadas por porta-vozes russos e georgianos [aliados dos Estados Unidos]. Isso pode ser constatado no desprezo por parte dos comentaristas em relação às raízes do conflito. De fato, grande parte da opinião jornalística persiste ignorando completamente os fatores local e regional a favor de uma resolução geopolítica instantânea, como se a Ossétia do Sul e a Abcásia – que são os verdadeiros cerne da questão – nem ao menos existissem. (Rayfield, 2008, grifo do autor, tradução nossa).

Com esta afirmação, percebemos que outro aspecto teria influenciado diretamente nas significações daquele conflito: a instantaneidade das reportagens. Provavelmente por saber dessa velocidade oferecida pela mídia moderna, os governos russo e estadunidense também trataram de se posicionar o mais rápido possível. Pouco depois de os noticiários publicarem os primeiros ataques, Bush e Medvedev já distribuíam pronunciamentos oficiais à imprensa¹⁰. Em suma, eis os interesses e as justificativas apresentados por cada um:

Estados Unidos – como na invasão do Iraque (março de 2003), a “guerra ao terror” e a “obrigação do país em proteger a democracia em nações aliadas” foram as justificativas do governo George W. Bush ao demonstrar “profundo interesse na sociedade georgiana”. Em diversas ocasiões, Bush e Condoleezza Rice – Secretária de Estado entre 2005 e 2009 – discursaram sobre “as tropas enviadas pela Geórgia ao Afeganistão e ao Iraque”, fato que, segundo eles, “tem ajudado a libertar aqueles países de regimes ditatoriais”. Para Bush, devido ao apoio dos georgianos na (de novo) “guerra ao terror”, seria “covardia deixá-los sozinhos no conflito contra a

¹⁰O resumo dos posicionamentos dos governos estadunidense e russos a respeito do conflito no Cáucaso foi feito baseado nos discursos presidenciais apresentados nas redes de TV CNN (<http://www.cnn.com>), Russian Today (http://rt.com/On_Air.html). Conteúdo mais aprofundado pode ser encontrado em: *The foreign policy concept of the russian federations* (<http://www.kremlin.ru/eng/text/docs/2008/07/204750.shtml>), portal de discursos dos Estados Unidos da América (<http://search.usa.gov/?locale=en&m=false>), no portal de vídeos do YouTube (http://www.youtube.com/results?search_query=bush+speech+georgia+medvedev&aq=f); além dos arquivos eletrônicos do *The New York Times* (<http://www.nytimes.com>) e do *Izvestia* (<http://www.izvestia.ru>).

Rússia”; afinal “a Geórgia entrou no grupo das instituições livres do Oeste e precisa ser amparada por nós”.

Rússia – “eles atacaram a Ossétia do Sul (região onde a maioria dos habitantes tem passaporte russo) primeiro” foi uma das justificativas dadas pelo presidente Dmitri Medvedev logo após autorizar o bombardeio em Tbilisi, capital georgiana. Durante quase todo o imbróglio no Cáucaso, os discursos de “represálias” e “a morte de nenhum russo será deixada impune” serviram de escudo às duras críticas sofridas pela Rússia internacionalmente. No entanto, em nenhum momento Medvedev, que no dia 26 de agosto de 2008 reconheceu a independência da Ossétia do Sul, escondeu o interesse de colocar aquela região sob a influência russa.

Apesar dos inúmeros pronunciamentos sobre os “verdadeiros objetivos” envolvendo as questões no Cáucaso, alguns estudiosos¹¹ acreditam que os discursos dos presidentes Bush e Medvedev não passaram de retóricas, já que os interesses econômicos naquela região foram constantemente ignorados – iremos tratar desses interesses mais adiante, quando analisarmos de que maneira eles foram tratados pelos periódicos *The New York Times* e *Izvestia*.

Por enquanto, é importante frisar que esta breve revisão de literatura foi elaborada para servir de apoio ao leitor e, principalmente, para apresentar alguns atalhos sobre o que já foi estudado a respeito do assunto. Como tenho ressaltado durante todo o desenvolvimento desta pesquisa, os conflitos na região do Cáucaso são deveras mais complexos e necessitam de vasta bibliografia. E, repetindo: nosso objetivo principal é analisar um pequeno recorte de uma guerra cheia de pormenores.

2.2 Metodologia

De acordo com Antônio Carlos Gil (2002, p. 89), “o grande volume de material produzido pelos meios de comunicação e a necessidade de interpretá-lo determinou o aparecimento da análise de conteúdo” – método de pesquisa que selecionei para

¹¹Leia mais: *Georgia: oil, neocons, cold war and our credibility*, artigo escrito pelo estudioso francês Jerome a Paris (disponível em: <http://www.dailykos.com/storyonly/2008/8/9/82642/19523/204/565266>). *Analysis: energy pipeline that supplies West threatened by war Georgia conflict*, escrito pelo jornalista Robin Pagnamenta (disponível em: <http://www.timesonline.co.uk/tol/news/world/europe/article4484849.ece>). Ambos os endereços foram acessados pela última vez em março de 2010.

observar como os posicionamentos dos governos da Rússia e dos Estados Unidos durante o conflito no Cáucaso se relacionaram com os discursos jornalísticos do *Izvestia* e do *The New York Times*. No livro *Como elaborar um projeto de pesquisa*, Gil elucida uma hipótese bastante parecida ao dizer que as técnicas das investigações documentais podem ser utilizadas “para examinar a ideologia política implícita nas notícias de jornal” (2002, p. 89). No entanto, o leitor perceberá que em diversos momentos utilizei técnicas usualmente encontradas em pesquisas bibliográficas, simplesmente pelo fato das publicações periódicas também serem consideradas fontes dessa natureza. Diria que o histórico de imbrólios no Cáucaso e os estudos de outras guerras me levaram naturalmente às vias deste tipo de investigação; afinal, “não há outra maneira de conhecer os fatos passados se não com base em dados bibliográficos” (GIL, 2008, p. 45). Percebe-se que os dois procedimentos científicos têm características parecidas ou complementares, mas a vantagem da pesquisa documental é possibilitar estudos sem depender necessariamente dos sujeitos envolvidos (ou, pelo menos, do ponto de vista deles). No meu caso específico, as informações oferecidas pelos objetos “seriam prejudicadas pelas circunstâncias que envolvem o contato” (GIL, 2008, p. 46). Portanto, esclareço que, embora eu tenha reservado atenção especial ao trabalho de campo (pesquisas empíricas, palestras, entrevistas e conversas com jornalistas), achei melhor priorizar as pesquisas teóricas, principalmente nas discussões dos dados. Tendo em vista que um dos meus objetivos é analisar como algumas influências externas prejudicam as construções de realidade. Tal decisão me pareceu a mais adequada.

2.2.1 Levantamento de dados

Baseando-me nesses conceitos apresentados, comecei a fazer anotações em 10 de agosto de 2008, três dias após o início da guerra na Ossétia do Sul. À época, a doutora Magda Lúcio (outrora professora da disciplina metodologias de pesquisa no **UniCeub**) foi de suma importância nos direcionamentos metodológicos desta monografia. Ajudado por ela, consegui elaborar cronograma que, por ter sido arquitetado com bastante antecedência (enquanto eu ainda estava no sétimo semestre), pôde ser desempenhado com certa tranquilidade.

Começamos, então, por dividir meus objetivos em três pontos-chave: (1) escolher os jornais que serão analisados, (2) coletar as informações publicadas nesses jornais e (3) comparar os resultados com os discursos dos governos russo e estadunidense.

O primeiro passo foi basicamente arquivar as matérias publicadas entre os dias 7 e 16 de agosto de 2008 nos diários *The New York Times* e *Izvestia* a fim de organizá-las para futuras análises. Essa etapa norteou minhas investigações de campo, realizadas durante o semestre em quem morei na cidade de São Petersburgo (de abril a setembro de 2009). Nos três primeiros meses, me dediquei aos fichamentos e às análises qualitativas de vários periódicos (não apenas dos jornais escolhidos como objetos). Examinei as escolhas de palavras, lide, títulos, subtítulos, legenda de fotos, seleção dos jornalistas etc.; entretanto, sem me preocupar muito em medir os dados coletados. Ainda na Rússia, pude participar de palestras e fóruns sobre os pormenores envolvendo a região do Cáucaso; circunstâncias que me permitiram conceituar o conflito e, sobretudo, trazê-lo à minha realidade intelectual. Nesses eventos, fiz uma série de entrevistas (leia-se: bate-papos informais) com acadêmicos, jornalistas e alunos que também estavam estudando (direta ou indiretamente) as consequências da guerra entre georgianos e russos. As informações coletadas serviram para incrementar a minha pesquisa bibliográfica e para perceber que outras pessoas estavam se deparando com dificuldades bem parecidas com as que eu havia observado no percurso metodológico: problemas como entrar em contato com os periódicos envolvidos, influência das agências de notícias, descobrir quem realmente estava no Cáucaso durante a guerra, entre outros. Esses desafios me ajudaram a procurar novas referências e, curiosamente, as fontes alternativas (artigos, monografias, ensaios...) foram auxílios deveras mais esclarecedores do que as informações “oficiais” cedidas pelos periódicos analisados.

Depois dos embasamentos teóricos, comecei a desenvolver a segunda parte da minha metodologia: organizar os posicionamentos dos governos estadunidense e russo durante os nove dias de conflito. Escolhi coletar esses dados diretamente da fonte primária, portanto, a grande maioria das observações foi feita a partir do que era transmitido na íntegra pela televisão e através de vídeos na web (veja referência no rodapé da página 22). Tal proposta se mostrou necessária quando comecei a perceber cortes agressivos nos discursos presidenciais publicados nos impressos.

Em outras palavras: não quis contaminar os resultados com possíveis preferências editoriais.

As últimas etapas metodológicas consistiram justamente em verificar como (e quantas vezes) esses posicionamentos foram divulgados pelos periódicos *The New York Times* e *Izvestia*. Pesquisei, também, quantas vezes as agências de notícia Reuters (ocidental) e Rianovosti (russa) foram citadas nas reportagens. Selecionei 18 matérias (nove para cada jornal) em destaque no caderno de Mundo entre os dias 8 e 16. O leitor pode perceber que o primeiro dia de conflito (no caso, 7 de agosto de 2008) não foi analisado por este estudante. O motivo foi o fato de os ataques na Ossétia do Sul terem acontecido à noite e, assim, as primeiras notícias a respeito da guerra foram divulgadas somente na manhã seguinte.

Grande parte dessas observações foi feita a partir de tabelas elaboradas com o conteúdo das reportagens. Primeiro, criei uma lista com todas as manchetes, ordenando-as por data e periódico. Em seguida, organizei os lides. Então, pude calcular quantas vezes os jornais citaram os posicionamentos dos governos russo e estadunidense. Ou seja, considerei cada espaço oferecido pelo jornal para relatar aspas ou interesses daqueles países como citação (sem considerar a maneira com que eram relatados, se com juízo de valor ou não). Por exemplo, na matéria do dia 10 de agosto, o *The New York Times* abriu aspas ao presidente georgiano: “Mikheil Saakashvili disse que as ambições russas eram ainda mais complexas” (BARNARD, 2008, tradução nossa). Essa declaração foi considerada como posicionamento Geórgia/EUA. Confira o modelo:

[THE NEW YORK TIMES]	Posicionamento – Geórgia/EUA (aliados durante o conflito)
10 de agosto de 2008	Oficiais georgianos disseram que a única esperança é esperar a intervenção dos Estados Unidos no conflito. Como isso parece improvável, eles esperam uma postura diplomática ocidental para cessar os ataques russos.

[IZVESTIA]	Posicionamento – Rússia
12 de agosto de 2008	O porta-voz do governo russo Boris Malakhov disse que enviou uma nota formal de protesto a Tbilisi devido ao fato de que cidadãos russos não conseguiram sair da Geórgia ontem. Aqueles que tentam voltar para casa de carro sofrem com a intervenção policial georgiana. A embaixada russa naquele país não para de receber ligações desesperadas.

Apresentada a metodologia, vejamos o que, enfim, os documentos têm a nos dizer.

2.2.2 Tratamento dos dados

A título de repetição: esta pesquisa foi elaborada através de análises de reportagens publicadas dos periódicos *The New York Times* e *Izvestia* entre os dias 8 e 16 de agosto. Nosso objetivo agora é compreender de que maneira as posições distintas dos governos russo e estadunidense se relacionaram com esses jornais. Em partes: (1) *manchetes*, (2) *lides*, (3) *quantas vezes o diário citou os interesses da Rússia e dos Estados Unidos*, (4) *informações retiradas em agências de notícia*. Eis os dados.

[MANCHETES]	THE NEW YORK TIMES	IZVESTIA
8 de agosto de 2008	Rússia envia tropas para a Ossétia do Sul	Geórgia, de fato, declara guerra contra a Ossétia do Sul
9 de agosto de 2008	Rússia e Geórgia brigam em região separatista	Geórgia provocou uma resposta russa em grande escala militar
10 de agosto de 2008	Geórgia e Rússia se aproximam de uma guerra total	“Nunca pensei que atacaríamos a Rússia”
11 de agosto de 2008	Russos empurram região separatista para assaltar a Geórgia central	Com o que lutam os georgianos?

[MANCHETES]	THE NEW YORK TIMES	IZVESTIA
12 de agosto de 2008	Forças russas invadem base militar na Geórgia	Turistas russos são tomados como reféns
13 de agosto de 2008	Russos, de acordo com georgianos, iniciam retirada	Lágrimas de crocodilo em Tbilisi
14 de agosto de 2008	Bush envia ajuda e exige que Moscou se retire	Kosovo, sim. Ossétia do Sul, não
15 de agosto de 2008	Assessores de Bush dizem que ações russas na Geórgia enfraqueceram parceria	Georgianos se transformam em zumbis
16 de agosto de 2008	Rice, na Geórgia, pede para que a Rússia se retire imediatamente	Russos não vão sair

[LIDES]	THE NEW YORK TIMES	IZVESTIA
8 de agosto de 2008	Na sexta-feira, a Rússia enviou tropas a uma região separatistas na Geórgia depois que tropas georgianas invadiram a capital pró-Rússia dando início a um conflito armado.	Na sexta-feira à noite, a Geórgia, de fato, declarou guerra contra a Ossétia do Sul ao bombardear aquela região e aldeias próximas. Isso aconteceu mesmo depois de as partes envolvidas terem marcado uma reunião para tratar do enclave.
9 de agosto de 2008	A Rússia realizou ataques aéreos contra alvos georgianos na sexta-feira à noite, dando início a um conflito em uma região separatista na Geórgia, que está se transformando em um teste de poder e alcance militar de um reforçado Kremlin.	Ao sair da cidade de Tskhinvali, o exército georgiano rapidamente reagrupou suas forças, que contam com aproximadamente 18 mil pessoas – para as circunstâncias do conflito, trata-se de um número considerável.

[LIDES]	THE NEW YORK TIMES	IZVESTIA
10 de agosto de 2008	<p>O conflito entre a Rússia e a outrora república soviética da Geórgia tornou-se uma guerra em grande escala no sábado, quando a Rússia enviou tropas ao campo de batalha no território da Abcásia e autorizou uma campanha de bombardeios por toda a Geórgia.</p>	<p>Santíssima Trindade, pequena igreja em Tbilisi. Por muito tempo em silêncio e serena, uma senhora idosa vestida de negro, de repente, grita: “Virgem Santa! Traga-o vivo para mim!” Depois, como se tivesse despertado, vai até as pessoas que a olhavam e suspira: “Meu filho está lá...” Outras palavras não eram mais necessárias. “Lá” significava a guerra. Em Tskhinvali.</p>
11 de agosto de 2008	<p>A Rússia ampliou seus ataques à Geórgia no domingo movendo tanques e tropas através do enclave separatista da Ossétia do Sul e avançando em direção à cidade de Gori, na região central da Geórgia. Foi o primeiro ataque terrestre direto a uma cidade georgiana durante três dias de combates pesados, disseram oficiais georgianos.</p>	<p>“Hoje em dia, as forças armadas georgianas estão bem mais fortes – elas não têm nenhuma semelhança com aquela situação de 15 anos atrás”, disse Anatoli Nogovitsyn, comandante das forças aéreas russas. “Este é um moderno grupo de soldados, equipados com modernas armas e aparatos militares que os deixam bem preparados para diversas operações de combate.”</p>
12 de agosto de 2008	<p>Colunas de blindados russos entraram na cidade georgiana de Senaki e rapidamente tomou uma base militar georgiana na segunda-feira, logo após emitir um ultimato à Geórgia para desarmar suas tropas ao longo da fronteira com o território separatista da Abcásia.</p>	<p>Centenas de nossos compatriotas não conseguem sair da Geórgia. As ligações marítimas e aéreas entre Rússia e Geórgia estão fechadas, por isso, as pessoas precisam procurar outras rotas para voltar para a casa – através da Armênia ou Turquia. Mas não é tão simples assim. Sabe-se que guardas georgianos estão dificultando a saída de russos do país.</p>

[LIDES]	THE NEW YORK TIMES	IZVESTIA
13 de agosto de 2008	Nessa quarta-feira, os presidentes da Geórgia e da Rússia entraram em um acordo que pode acabar com a guerra que começou há cinco dias, logo após a Rússia reafirmar seu tradicional domínio da região.	A retórica do pânico começou na segunda-feira à noite. David Kezarashvili, ministro da Defesa disse que colunas de tanques russos se direcionavam para a capital. Mikhail Saakashvili continuou o discurso ao dizer que se juntaria “ao exército para defender a cidade e lutar contra o inimigo até a última gota de sangue”.
14 de agosto de 2008	Presidente Bush enviou tropas americanas para a Geórgia nessa quarta-feira para supervisionar uma “vigorosa e contínua” missão humanitária, um desafio direto ao domínio militar russo na região. Essa ação se mostrou necessária após soldados russos entraram em duas estratégicas cidades georgianas, ato que Bush e oficiais georgianos chamaram de uma violação do cessar-fogo acordado no início do dia.	Como esperado, a grande maioria dos políticos ocidentais, com cego entusiasmo, apoiou os últimos acordos para a separação da Sérvia e a independência do Kosovo. Agora, eles não hesitaram em testemunhar as primeiras (e, provavelmente, não serão as últimas) implicações das suas próprias irresponsabilidades. Os moradores da Ossétia do Sul simplesmente pensaram: se é possível mudar as fronteiras nas linhas dos Bálcãs, por que não fazer isso no Cáucaso?
15 de agosto de 2008	A ofensiva militar da Rússia na Geórgia abalou as relações da administração Bush com Moscou, disseram oficiais do governo na quinta-feira, exigindo uma reavaliação do posicionamento americano com a Rússia e mais rigor em outras questões bélicas; desde as ambições nucleares do Iran até a redução estratégica de cooperação militar com mísseis de defesa.	O judoca georgiano Irakli Tsiredkidze se sagrou campeão olímpico. Na foto do vencedor estava escrito: “encontro com rival russo”. No mesmo dia, “representantes da inteligência georgiana” convocou “todos os georgianos patriotas” a pendurar a bandeira nacional na janela. Quem não colocá-la, não será considerado um patriota. Ou melhor, será um inimigo do povo. Esse é apenas um dos episódios da propaganda de guerra que Saakashvili tem desencadeado contra o próprio povo.

[LIDES]	THE NEW YORK TIMES	IZVESTIA
16 de agosto de 2008	Na sexta-feira, os Estados Unidos exigiram a retirada imediata das forças armadas russas na Geórgia. A Secretária de Estado veio para cá, não muito longe das linhas de frente, para receber a aprovação do presidente georgiano sobre uma nova definição do cessar-fogo. Ela queria saber as justificativas russas por ter avançado tanto o território georgiano.	Provavelmente, muito dos mais de dois mil soldados de paz russos que estão agora na Abcásia não estariam vivos se nossas tropas regulares não tivessem chegado na região nos dias de conflito com a Geórgia. Agora, eles estão trabalhando juntos para resolver novos problemas: salvar os russos que moram na fronteira com a Abcásia, apreender as armas exportadas pela Geórgia e enfrentar as gangues de saqueadores. Nossa reportagem pode perceber que, quanto mais tempo nossas tropas estiverem por lá, todos estarão mais tranquilos.

[POSICIONAMENTO]	THE NEW YORK TIMES		IZVESTIA	
	Geórgia/EUA	Rússia	Rússia	Geórgia/EUA
08 de agosto de 2008	15 citações	14 citações	8 citações	1 citação
09 de agosto de 2008	20 citações	5 citações	5 citações	1 citação
10 de agosto de 2008	21 citações	12 citações	7 citações	6 citações
11 de agosto de 2008	27 citações	6 citações	16 citações	Nenhuma
12 de agosto de 2008	11 citações	7 citações	14 citações	Nenhuma
13 de agosto de 2008	20 citações	7 citações	9 citações	3 citações
14 de agosto de 2008	20 citações	4 citações	6 citações	1 citação
15 de agosto de 2008	19 citações	4 citações	19 citações	4 citações
16 de agosto de 2008	17 citações	6 citações	17 citações	3 citações
TOTAL:	170 citações	65 citações	101 citações	19 citações

[AGÊNCIAS DE NOTÍCA]	THE NEW YORK TIMES		IZVESTIA	
	Reuteurs	Rianovosti	Rianovosti	Reuteurs
08 de agosto de 2008	5 citações	Nenhuma	2 citações	Nenhuma
09 de agosto de 2008	4 citações	Nenhuma	5 citações	Nenhuma
10 de agosto de 2008	4 citações	Nenhuma	8 citações	1 citação
11 de agosto de 2008	9 citações	Nenhuma	2 citações	1 citação
12 de agosto de 2008	6 citações	1 citação	1 citação	Nenhuma
13 de agosto de 2008	4 citações	Nenhuma	8 citações	Nenhuma
14 de agosto de 2008	10 citações	Nenhuma	2 citações	1 citação
15 de agosto de 2008	7 citações	1 citação	2 citações	Nenhuma
16 de agosto de 2008	9 citações	Nenhuma	3 citações	Nenhuma
TOTAL:	58 citações	2 citações	33 citações	3 citações

2.2.3 Análise dos dados

As manchetes publicadas pelo *The New York Times* e pelo *Izvestia* durante o recorte analisado nos permitem avaliar qual foi o direcionamento das reportagens de cada periódico. Percebemos que, no caso do jornal nova-iorquino, das nove matérias estudadas, oito colocam a Rússia como “responsável” no título (Rússia envia tropas; russos empurram região; forças russas invadem; Bush exige que Moscou se retire...). O diário moscovita parece ter seguido a mesma linha editorial, pois colocou a Geórgia como a grande culpada (Geórgia declara guerra; Geórgia provoca reação russa; Georgianos se transformam em zumbis...).

Interessante analisar também o conteúdo dos lides (o quê? Como? Quando? Onde? Quem? Por quê?) daqueles jornais. Essas perguntas foram respondidas de acordo com o que era apresentado na manchete. O *The New York Times*, por

exemplo, preferiu priorizar o posicionamento estadunidense/georgiano (aliados), enquanto o *Izvestia* descreveu a covardia do exército de Saakashvili. Em alguns episódios, como no dia 16 de agosto, as introduções dos textos pareciam dialogar entre si. Naquela ocasião, os Estados Unidos exigiam a retirada das tropas russas, enquanto o governo russo explicava que as tropas de paz não sairiam tão cedo.

Outros fatores que merecem cuidado particular são os espaços cedidos pelos diários aos posicionamentos governamentais. O periódico de Nova York citou os interesses estadunidenses/georgianos 170 vezes e cedeu espaço às palavras russas 65 vezes. Ou seja, os Estados Unidos e a Geórgia tiveram o dobro de chances para dialogarem com os leitores. O *Izvestia*, pelo contrário, citou os interesses do governo local 101 vezes e dialogou com o posicionamento “inimigo” 19 vezes (cinco vezes mais espaço aos posicionamentos russos). Esses números ficam ainda mais distantes se levarmos em consideração como esses interesses foram tratados. Ambos os jornais tenderam a desdenhar o que era dito pelo governo contrário, cedendo poucas linhas e contextualizando as aspas com fatos ridicularizadores. Foi o que aconteceu em praticamente todas as matérias analisadas e com maior intensidade nos artigos *Russos, de acordo com georgianos, iniciam retirada* (*The New York Times*, 13 de agosto de 2008) e *Kosovo, sim. Ossétia do Sul, não* (*Izvestia*, 14 de agosto de 2008).

A questão do envolvimento das agências de notícia mostrou-se mais complexa do que parecia. É difícil afirmar o número de vezes que as informações apuradas por elas foram utilizadas pelos periódicos selecionados, pois os jornais não fizeram questão de deixar isso devidamente claro aos leitores (o máximo que pode ser observado foi algumas citações do tipo *com agências* ao lado do nome dos repórteres). No entanto, é possível observar que as agências (em especial a Reuters e a Rianovosti) tiveram papel determinante na construção das matérias veiculadas no *The New York Times* e no russo *Izvestia*. A fórmula parecia ser a seguinte: (1) comprar a notícia da agência, (2) entrevistar algum especialista para que o próprio possa discutir as conclusões construídas primariamente pelas agências de notícia e, a partir disso, (3) o repórter fazia as escolhas de acordo com os interesses governamentais a fim de estruturar o corpo da reportagem e indicar pontos de vista àqueles que compraram o jornal.

2.2.4 Discussão dos resultados

Caro leitor, antes de discutirmos os resultados desta pesquisa, proponho o seguinte exercício. Imagine um casal: o rapaz é um empresário russo e a esposa é uma diplomata estadunidense. No momento em que as tropas georgianas invadem a Ossétia do Sul, ela está em Nova York e ele em Moscou. Na manhã do dia 8 de agosto, a diplomata compra o *The New York Times* para saber o que aconteceu no Cáucaso, enquanto o marido resolve comprar o *Izvestia*. À noite, os dois conversam sobre o que foi publicado nos respectivos diários e as informações parecem oriundas de conflitos diferentes. Por quê? A resposta mais óbvia seria: pelo simples fato de os Estados Unidos e a Rússia terem interesses distintos naquela região. No entanto, dessa resposta surgiriam outras perguntas como “quais são esses interesses”, “de que forma eles se relacionaram com os periódicos”, “além de um conflito armado, estaríamos também diante de uma guerra de palavras”...

Não é necessário se aprofundar muito nas análises de conteúdo qualitativo para perceber que as escolhas feitas pelos diários *The New York Times* e *Izvestia* foram, de fato, deveras distintas. Claro que precisamos levar em consideração o fator local. Um periódico estadunidense, naturalmente, publicará aquilo que for mais relevante aos cidadãos dos Estados Unidos (o mesmo princípio vale aos periódicos russos). No entanto, preocupou-me o modo com que esses critérios de relevância foram utilizados por esses jornais. Aquela premissa de que “sociedades autoritárias exerciam poder pela mídia, via controle direto de instituições e agendas” (SILVERSTONE, 2005, p. 275) parece estar mais presente em sociedades ditas democráticas do que imaginamos. Para alguns, nenhuma novidade, creio.

Continuemos, então, na leitura de Silverstone. O autor acredita que a mídia é um domínio que influencia e muda processos políticos, que pode enganar. Um poder que cria e sustenta significados (2005, p. 263). Vamos tentar partir do pressuposto que os jornalistas envolvidos no conflito (e as próprias instituições) não tiveram qualquer interesse em favorecer determinado governo. Façamos apenas de Jornalismo, pois, apesar de extremamente cético em relação ao assunto, este pesquisador que vos fala ainda acredita em práticas honestas nos meios de comunicação social. No entanto, abro pequeno parêntese. Se acreditarmos que a cobertura do Cáucaso tenha sido íntegra, devemos crer que aqueles que participaram da construção de conteúdo seguiram algumas normas narrativas

determinantes: ambiente, ação, cenário e personagens. O repórter precisava estar lá, apurar as ações, analisar o cenário e conversar com personagens (ADAM e REVAZ, 1997). Qualquer coisa fora desse padrão, trataremos como “descuidos”.

Observemos mais uma vez as tabelas das manchetes. No dia 8 de agosto, só pelo título, poderíamos perceber quais seriam os direcionamentos de cada jornal nas edições que se seguiram. *The New York Times*: “**Rússia** envia tropas para a Ossétia do Sul”. *Izvestia*: “**Geórgia**, de fato, declara guerra contra a Ossétia do Sul”. Os sujeitos estavam bem determinados para ambos – em nenhum momento o governo Bush escondeu que os Estados Unidos seriam aliados dos georgianos e Dmitri Medvedev tampouco ocultou os interesses russos de reconhecer a independência da Ossétia do Sul, lembram-se disso? Agora, um detalhe interessante sobre essas matérias introdutórias: nenhum dos jornalistas estava na região quando a guerra começou. O ambiente, a ação e o cenário foram filtrados por agentes exteriores (agências de notícias, oficiais, soldados, nativos etc.) O que nos leva à confirmação de que o posicionamento governamental foi um ato premeditado, já que ambos tinham praticamente as mesmas disponibilidades de escolhas. Surpreso? Provável que não. Mas ainda é cedo para tirarmos conclusões. Observemos melhor essa onda de interesses no Cáucaso.

Alguns analistas (Jerome A Paris, Ivan Sukhov, Rain Müllerson, entre outros) chegaram a comparar o conflito entre georgianos e russos como “uma Guerra Fria remodelada”. Os ingredientes, pelo menos, são parecidos. Antes mesmo de o imbróglio eclodir, o governo Bush flertava com antigos satélites da órbita soviética a fim de criar escudos antimísseis para combater o que ele sempre chamou de terrorismo no Oriente Médio¹². Desse namoro pretensioso, surgiram bases militares na Polônia e República Tcheca, iniciativas que deixaram os russos possessos. Até porque, mais ou menos naquele mesmo período, a seleção de futebol russa passara a usar mais o uniforme vermelho e Vladimir Putin discursava sobre o “resgate do orgulho à Rússia” (DETTMER, 2003).

Apesar do descontentamento russo com as investidas militares dos Estados Unidos em países da Europa Central, pode-se dizer que o, digamos, desconforto no Cáucaso teve início de fato quando Mikheil Saakashvili chegou ao poder através da Revolução das Rosas, em 2003 – decisão publicamente apoiada pelo governo Bush.

¹²Leia mais sobre os escudos antimísseis estadunidenses no artigo publicado pela *Folha de S.Paulo* (online) em <<http://www1.folha.uol.com.br/fohla/mundo/ult94u625630.shtml>>. Último acesso: março, 2010.

Para os russos, a influência estadunidense havia chegado perto demais e uma série de medidas começou a ser tomada. A Rússia passou a boicotar produtos georgianos (vinho e água mineral principalmente) e as relações diplomáticas entre os dois países (deveras conturbada, sobretudo após o colapso da União Soviética em 1991) passaram a fazer parte das pautas internacionais de segurança nas Nações Unidas (RAYFIELD, 2007). Em contrapartida, Saakashvili se encontrava frequentemente com o presidente Bush para discutir uma possível entrada da Geórgia na OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte). A demora nessa negociação, ou pelo menos a certeza de que ela aconteceria de um jeito ou de outro, foi um dos motivos que levaram Saakashvili a bombardear a Ossétia do Sul no dia da abertura dos jogos olímpicos na China. O plano parecia simples: atacar uma intimidada Rússia, esperar pelo contra-ataque agressivo e pedir ajuda à OTAN (RAYFIELD, 2008). O ataque veio, mas a ajuda, pelo menos como era esperada, não. Esses contextos foram timidamente abordados nas páginas do *The New York Times* e quase não houve nenhum debate a respeito no *Izvestia*. Ambos pareciam pisar em ovos quando o assunto envolvia os interesses comprometedores de cada Estado, principalmente na área de energia.

A Geórgia não é uma produtora de gás natural nem de petróleo, contudo, rotas importantes desses recursos passam pelo território daquele país, tornando-a ponto estratégico para países europeus. A Rússia, ela sim uma produtora abundante dessas commodities, utilizou-se de algumas retóricas chantagistas para poder se posicionar no conflito contra a Geórgia (PANNIER, 2008). Funcionou mais ou menos assim: se os russos se sentissem incomodados, bastavam fechar essas e outras linhas que abastecem o Velho Continente e todos precisariam se acalmar (se não quisessem morrer de frio). De novo, tais questões não fizeram parte de nenhum lide das matérias publicadas nos jornais analisados. Pelo contrário. O debate a respeito desses assuntos ficava sempre em segundo plano ou era totalmente ignorado. Como aconteceu no dia 15 de agosto de 2008. Em oportunidade ímpar para esclarecer à sociedade sobre essas questões (ou pelo menos dialogar contextualmente), o presidente Bush preferiu repetir o discurso de “defender a democracia aos países aliados”. Disse o governante estadunidense:

“Alguns americanos devem estar se perguntando por que nos interessamos por acontecimentos em um pequeno país a meio mundo de distância dos Estados Unidos. Desde o colapso da União Soviética, a Geórgia se tornou uma corajosa **democracia**. Aquele

povo está realizando as difíceis, mas necessárias decisões para as **sociedades livres**. Desde a Revolução das Rosas, em 2003, o povo georgiano pode ter **eleições livres**, eles abriram a economia e construíram as fundações para uma **democracia** de sucesso” (BUSH, 2008, tradução nossa, grifo nosso).

Esse discurso¹³ foi transmitido nas principais emissoras norte-americanas e publicado na íntegra no blogue *The Lede* do jornalista Mike Nizza do *The New York Times*.

A cobertura do *Izvestia* também optou ignorar as questões das commodities e se posicionou ofensivamente contra tudo aquilo que era publicado nos periódicos ocidentais. O jornal se tornou um grande porta-voz do governo e decidiu colocar a Geórgia e os Estados Unidos como os responsáveis pela morte de milhares de pessoas. Isso é claramente relatado na reportagem do dia 8 de agosto: “Com o que lutam os georgianos?”. Nela, o principal personagem é o comandante das forças aéreas russas, Anatoli Nogovitsyn. Ele visivelmente utiliza o *Izvestia* para explicar ao mundo “como a Geórgia, um país tão pequeno, teria conseguido organizar as frentes militares durante a guerra no Cáucaso” – o governo Bush estaria financiando o exército georgiano, era a única justificativa para Nogovitsyn.

Confesso ao leitor que, ao elaborar minha pergunta de pesquisa, o posicionamento do jornal russo já me parecia óbvio. Como elucidei no capítulo **Contextualização**, o *Izvestia* foi durante muito tempo controlado por uma empresa estatal chamada Gazprom – responsável por administrar grande parte dos combustíveis naturais na Rússia. Mais tarde, três meses antes do conflito, outro grupo aliado do governo comprou as ações do diário moscovita: SOGAZ do empresário Yuri Kovalchuk (dono do Banco da Rússia). Proprietário diretamente ligado às questões econômicas do país e ainda amigo próximo do Primeiro Ministro Vladimir Putin: pareceu-me evidente que o “propaganda *framework*” estaria em boa parte das reportagens do *Izvestia*, o que de fato esteve, como podemos perceber. No entanto, intrigou-me a frequência com que o *The New York Times* optou por essas produções noticiosas. Acredito que a literatura pode nos ajudar um pouco mais a respeito dessas características. Invoquemos novamente as pesquisas do professor Traquina que relatam:

¹³Leia o discurso publicado na íntegra no blogue *The Lede* do jornalista Mike Nizza no site do *The New York Times*: <<http://thelede.blogs.nytimes.com/2008/08/15/bush-on-why-georgia-matters-to-americans/>> Último acesso em: jan. 2010.

O “propaganda framework” sugere a seguinte hipótese: quando surgem situações em que podem ‘ser marcados pontos contra países inimigos’ ou ideias ameaçadoras, os mídia serão frequentemente ativos em ‘campanhas publicitárias’ de grande intensidade e paixão. Pelo contrário, quando acontecimentos muito semelhantes ocorrem em países amigos, os mídia mostrarão interesse pelas circunstâncias especiais envolvidas e prosseguirão uma política de negligência benigna (TRAQUINA, 2001, p.84).

Traquina extraiu esses conceitos a partir dos estudos apresentados pelos estudiosos Edward S. Herman e Noam Chomsky, que, durante a década de oitenta, apresentaram vários trabalhos sobre o chamado modelo de propaganda midiático. Eles tentaram explicar que o jornalismo estadunidense estaria dividido em cinco fatores predominantes: 1) a estrutura de propriedade dos mídia; 2) a procura do lucro e a importância da publicidade; 3) a dependência dos jornalistas de fontes governamentais e fontes do mundo empresarial; 4) as ações punitivas dos poderosos; e 5) a ideologia anticomunista dominante entre a comunidade jornalista norte-americana (TRAQUINA, 2001, p. 83).

A esquizofrenia, meu caro leitor, é a seguinte: onde fica a verdade (ou, algo próximo daquilo que poderíamos considerar como verdade) nessa *estória* toda? E de que outras maneiras as posições distintas dos governos russo e estadunidense se relacionaram com os discursos dos periódicos *The New York Times* e *Izvestia*? Acredito que tenha ficado claro que pelo menos as escolhas de cada jornal favoreceram as agendas propostas pelos respectivos Estados. Se levarmos em consideração os números de citações (veja tabela na página 30) perceberemos que as influências (sejam elas quais forem) ditaram o ritmo da cobertura do conflito. Outro aspecto a partir da coleta de dados mostra que os dois jornais decidiram praticamente ignorar os posicionamentos das outras partes envolvidas. Não podemos nos iludir com os espaços cedidos pelo *The New York Times* ao governo russo e nem pelo *Izvestia* ao governo estadunidense, pois ambos foram, com raras exceções, tentativas de diminuir o que o *outro* tinha a dizer. Arrisco-me a relatar que os números apresentados naquela tabela são ainda mais distantes se considerarmos o contexto no qual as partes foram ajustadas. Para chegarmos a essas conclusões, bastaríamos analisar os títulos; o que veio depois apenas reforçou as hipóteses levantadas. Portanto, de acordo com o que foi pesquisado nesta monografia, posso lhes dizer que os dois jornais foram, sim, porta-vozes dos respectivos governos.

Não foram apenas as intervenções do Estado que me deixaram ainda mais cético em relação às práticas jornalísticas, mas sim o fato de que, nessa briga de interesses, as características do conflito (ou seja, os principais focos) foram subestimadas. Enganar-se-iam aqueles que acreditarem que as faíscas no Cáucaso se apagaram depois do dia 16 de agosto de 2008. Nesse aspecto, concordo plenamente com Ronald Rayfield (2007): se continuarmos a tratar aquela região com tanta superficialidade, é provável que nunca tenhamos um desfecho definitivo para essa e várias outras guerras que por lá já eclodiram. E continuaremos a cobrir impasses em tempo real, com atrocidades instantâneas; mas sem entender os porquês de tantas selvagerias. Ainda mais se a profissão seguir a tendência daquilo que alguns acadêmicos da literatura estrangeira (Chomsky, Miller, Seierstad, Gaddis) costumam chamar de *desk journalism* – ou jornalismo praticado dentro da redação. Esses autores abordaram tais questões em diferentes contextos e períodos; mas sempre se basearam no impasse de que a delicada situação econômica dos jornais tende a empobrecer os exercícios do comunicador (MILLER, 2008). Parece não ser mais viável enviar repórteres às notícias, pelo menos não àquelas que exigem custos elevados para manter o jornalista tanto tempo longe dos redatores (CHOMSKY, 2006).

Os mesmos conceitos puderam ser claramente percebidos nas páginas dos periódicos analisados. As narrativas jornalísticas foram recriadas a partir de informações das agências de notícia e, de forma arbitrária, apresentadas ao leitor como se houvesse grande mobilização do jornal em mostrar *de perto* o que aconteceu no conflito do Cáucaso. A própria escolha das agências denuncia os interesses implícitos tanto do *The New York Times* quanto do *Izvestia*. O fato de o jornal nova-iorquino ter dado mais espaço aos dados da Reuteurs (agência ocidental) não me pareceu nada aleatório. O mesmo vale para o diário moscovita e as relações tendenciosas com a Rianovosti. Perde-se contato com os compromissos da comunicação (ver, sentir, conversar, apurar etc. etc. etc.) para economizar nas apurações, reescrevendo aquilo que já foi dito por fontes secundárias. Não à toa, quase todas as matérias parecem se repetir a cada dia de guerra; afinal, os lides foram praticamente escritos pelas mesmas agências de notícia. Como esperar particularidade diferente...

3 CONCLUSÃO

Em 1841, Karl Marx, um dos fundadores do comunismo moderno, debatia sobre a liberdade de imprensa e comunicação em uma série de artigos publicada em gazetas alemãs. Nos textos, o filósofo nascido em Trier, Prússia, demonstrava preocupação nos consentimentos dos leitores quando os mesmos “aceitavam com prazer o que era publicado pelos periódicos locais sem qualquer tipo de questionamento sobre a veracidade do conteúdo exposto” (MARX, 2009, p. 17). A leitura desses documentos, de certa forma, norteou as minhas pesquisas a respeito do conflito no Cáucaso, pois (repito) um dos meus objetivos era justamente analisar como a mídia conseguiu construir verdades de acordo com os interesses governamentais.

Deste modo, pode-se dizer que os resultados expostos nesta monografia não me surpreenderam. Talvez pelo fato de algumas vezes ter discutido sobre a interferência do Estado em coberturas de guerra nas salas de aula do curso de Jornalismo, ou pelo histórico entre os países envolvidos (vide Guerra Fria protagonizada pelos Estados Unidos e a União Soviética). Porém, o que me deixou realmente abismado foi a maneira com que algumas pessoas trataram essas influências como “normalidades”. Em nenhum momento procurei reinventar a roda com minhas exposições. Bastava que alguém lesse despreziosamente o *The New York Times* e o *Izvestia* durante o conflito para perceber a discrepância entre os produtos finais – matérias que chegaram ao consumidor de informação. Contudo, achei necessário exorcizar determinadas indignações diante de conformismos: nesse quesito, creio que consegui atingir finalidades pessoais de pesquisa.

Percebi também que a interferência governamental no Jornalismo ainda é determinante para a existência de uma empresa de comunicação que depende, direta ou indiretamente, do Estado para continuar funcionando. E que, pelo visto, essa relação está longe de sofrer alterações consideráveis. Portanto, nos próximos combates no Cáucaso (ou até mesmo em guerras aleatórias), não será nenhuma surpresa perceber as mesmas práticas jornalísticas que foram adotadas em agosto de 2008 e analisadas por este pesquisador.

Além de exercerem o papel de porta-vozes do governo, o *Izvestia* e o *The New York Times* apresentaram outra questão que tem se tornado parte do cotidiano de alguns jornais do mundo: a influência das agências de notícias na construção

narrativa. Com o crescimento da internet como ferramenta midiática, comprar, vender e modificar informações tornaram-se tarefas que não exigem muito esforço. Está tudo ali, a poucos cliques do repórter. Por haver pouco (ou nenhum) interesse dos periódicos em deixar claro como a matéria, de fato, foi apurada, resta ao leitor confiar que o jornalista responsável pela notícia está realmente apto a escrevê-la. E essa confiança – como foi relatado aqui – nem sempre é plausível.

Escrevi no capítulo introdutório que não pretendia tornar esta pesquisa em um manual do jornalista. Minha ideia era transformá-la em atalho para discussões sobre o presente e o futuro da profissão. Dentro dos limites, acredito ter conseguido alcançar esse objetivo também. No mais, espero sinceramente que outros estudiosos possam abordar o tema com novas perspectivas e que o debate a respeito das práticas midiáticas se torne algo mais corriqueiro nos cursos de comunicação social. Então, poderei dizer que todas as metas desta monografia foram alcançadas.

3.1 Considerações finais

Nas primeiras páginas do livro *A arte da vida*, Zygmunt Bauman (2008, p. 7) sugere a seguinte reflexão: “O que há de errado com a felicidade?” Peço licença ao filósofo polonês e proponho ao leitor um questionamento parecido: “O que há de errado com a realidade transmitida pela mídia?” Trocando em miúdos, por que tantas pessoas (eu, inclusive) começam a perder a confiança naquilo que é apresentado pelos meios de comunicação como *verdades*? Outro dia, um amigo veio me dizer que não acreditava mais na rede Globo, pois a emissora teria mostrado em telejornal local que o governo comprara centenas de novos ônibus, no entanto, ele ainda sofria com as precárias condições do transporte público brasileiro. Para o meu colega, a relação de confiança, naquele momento, foi seriamente comprometida. Agora, qual seria o conceito de confiar? A literatura de Roger Silverstone (2008, p. 219), citando o psicanalista britânico D. W. Winnicott, sugere que esse termo deveria ser utilizado em momentos em que a segurança em relação ao mundo fosse necessária. Um pouco superficial? Vejamos, então, o que seria confiança para o economista Diego Gambetta:

Confiar numa pessoa significa acreditar que, quando tiver oportunidade, ela não agirá de uma maneira prejudicial a nós; e a confiança será *tipicamente* relevante quando ao menos uma parte for livre para desapontar a outra (GAMBETTA, 1988 apud SILVERSTONE, 2008, p. 218, grifo do autor).

Gostaria de explicar ao leitor que compreendo as inúmeras dificuldades enfrentadas pelos comunicadores sociais. Ser jornalista é tarefa deveras árdua, com ou sem a intervenção da publicidade. Afinal, somos humanos suscetíveis a erros, certo?! O problema maior, a meu ver, é a prática jornalística, é como o repórter chega ao produto derradeiro. E se nesse processo há influências externas (Estado, por exemplo), aí, então, temos um grande problema de confiabilidade. Porém, antagonicamente, esse impasse desconfiado pode ser bastante saudável tanto para os produtores quanto para os consumidores de informação. Como?

Recordam-se do casal que criei no capítulo anterior? O empresário russo e a diplomata estadunidense? Então... Se ambos confiassem 100% no que foi publicado nos periódicos, bem capaz que houvesse ali uma briga homérica de posicionamentos: “O meu diz a verdade, não o seu.” Veja que a minha ideia não é pedir ao leitor que ignore a imprensa e trate-a como manipuladora. Pelo contrário. Apenas sugiro que duvidássemos um pouquinho mais das realidades decodificadas por ela, pois, assim, poderemos dialogar com outros pontos de vistas, sem nos prendermos a uma única fonte. Desencargo de consciência: gosto de acreditar que aquele casal tenha feito algo parecido.

Em suma, ao desconfiarmos da mídia, buscamos naturalmente outras representações do real, outros diálogos; e, nesse aspecto, devemos enaltecer o leque de possibilidades que a internet nos oferece hoje. Com a rede na *web*, temos acesso a vários pontos de vistas. São artigos acadêmicos gratuitos, fóruns especializados, enciclopédias livres... Incontáveis ferramentas que podem auxiliar o leitor na busca do conhecimento sobre determinado assunto. Diante dessas alternativas, acredito que não seja exagero proferir que os receptores também começam a ter responsabilidades na formação de opinião. Passamos, assim, de vítimas a cúmplices, diria.

Curiosamente, esta pesquisa é uma espécie de protótipo de tudo o que foi tratado nesses últimos parágrafos. Existe um autor com ideias subjetivas e arbitrarias. Ele se posiciona e começa a escolher os caminhos pelos quais a monografia se desenvolverá. Os dados são apresentados, os tratamentos são feitos,

mas nada disso impede que o leitor desconfie e procure por outros trabalhos sobre o mesmo conflito a fim de fazer novas comparações. Para minha satisfação, esse talvez tenha sido o grande subsídio das análises que propus no desenvolvimento deste projeto. A cobertura do *The New York Times* e do *Izvestia* durante a guerra no Cáucaso nos mostrou o quão arriscado é basear-se em apenas um formador de realidades. Repito: não devemos ignorar a mídia, todavia, precisamos respeitar os poderes que ela possui “de influenciar e mudar o processo político. O poder de capacitar, animar. O poder de enganar. O poder de mudar o equilíbrio de forças: entre Estado e cidadão; entre país e país; entre produtor e consumidor” (SILVERSTONE, 2008, p. 263). E, quem sabe, tão logo saberemos o que há de errado com nossa felicidade.

3.2 Recomendações

Depois de tudo o que foi discutido nesta monografia, recomendar alguma coisa me pareceu muito prolixo. Mas, pensando bem, por que não debater algumas minúcias sobre o curso de comunicação social... Minha primeira angústia foi perceber que a academia está preparando profissionais para uma espécie de mercado de trabalho utópico. Considero, por exemplo, insuficiente o número de abordagens a respeito das dependências publicitárias nas empresas jornalísticas. Se vamos de fato tratar a profissão como um negócio, um *business* dependente de anúncios, acredito que esse importante ‘detalhe’ deva acompanhar o estudante de jornalismo desde os primeiros dias na instituição e não apenas esperar que o mercado de trabalho seja o professor da prática. Se vamos tratar o jornalismo como uma fábrica de informativos, devemos, então, preparar empregados para desempenhar *funções tão desafiadoras*. Existe certo desrespeito com os comunicadores aqui no Brasil. Desprezo; talvez fosse palavra mais adequada. Ao mesmo tempo em que nos deparamos com as novas tecnologias midiáticas e com as habilidades que elas exigem de quem as opera, vemos o curso de jornalismo se encolhendo cada vez mais. Daí, podemos compreender o desespero de um aluno do último semestre quando se fala sobre o futuro dos periódicos, oportunidades de emprego, segurança financeira. Certa desesperança que também começa a

incomodar os críticos estadunidenses e russos. O escritor Mark Crispin Miller¹⁴ é um dos que temem pelo futuro da imprensa norte-americana. No livro *Loser take all: election fraud and the subversion of democracy* (2008) ele prevê um cenário nada animador para o jornalismo nos Estados Unidos. Miller acredita que os mídia daquele país não podem mais exercer a profissão livremente, pois todas as empresas jornalística estão de alguma forma ligadas ao governo (Miller, 2008). No caso da Rússia, pude perceber que os estudantes começam a se preocupar com a grande influência do Kremlin nos meios de comunicação social. No entanto, mais ou menos como ocorre aqui no Brasil, há certo conformismo pós-diploma de que os jornalistas devem se 'adaptar' aos limites políticos colocados pelo Estado.

Para finalizar este trabalho, gostaria de sugerir breve reflexão sobre o contexto tecnológico em que vivemos. Durante o conflito no Cáucaso, impressionou-me o número de matérias publicadas ainda nos primeiros dias de guerra. Eram notícias *fast-food*, às vezes, até um tanto quanto aleatórias; provavelmente, devido a grande influência das agências de notícia nos direcionamentos das pautas criadas dentro dos jornais. Minha sugestão aos pesquisadores que pretendem aperfeiçoar esses estudos é que fiquem atentos às características cibernéticas, pois, nos próximos imbróglis, a *web* pode ser, de fato, o grande campo de batalha da opinião pública. Resta saber se a ela servirá, enfim, como um espaço alternativo para debates ou se simplesmente reproduzirá as práticas históricas do jornalismo político que tanto analisamos nesta monografia. É isso.

¹⁴Mark Crispin Miller atualmente é editor de um blogue que trata sobre diversas questões midiáticas nos Estados Unidos. Fica a sugestão de leitura: <http://markcrispinmiller.com/>.

5 REFERÊNCIAS

Livros

ADORNO, W. Theodor. *Mínima moralia*. Rio de Janeiro: Ática, 1983.

ADAM, Jean Michel. REVAZ, Françoise. *A análise da narrativa*. Lisboa: Gradiva Publicações, 1997.

CHOMSKY, Noam. *Piratas e imperadores*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Editora Atlas, 2002.

SILVERSTONE, Roger. *Por que estudar a mídia?*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

TRAQUINA, Nelson. *O estudo do jornalismo no século XX*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2001.

WOLF, Mauro. *Teorias das comunicações de massa*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

Artigos

BIGG, Claire. Russia: State-Owned Gazprom Buys Leading Independent Daily 'Izvestiya'. In *Global Security*, Washington, out. 2004. Disponível em: <<http://www.globalsecurity.org/wmd/library/news/russia/2005/russia-050603-rferl01.htm>>. Acesso em: 20 ago. 2005. 22:50.

DETTMER, Jamie. Putin puts the pride back in Russia. In *Insight on the News*, Washington, fev. 2003. Disponível em: <http://findarticles.com/p/articles/mi_m1571/is_4_19/ai_97450974/> Acesso em: 9 ago. 2009. 17:30.

PANNIER, Bruce. Georgia-Russia conflict changes the energy equation. In *Radio Free Europe/Radio Liberty*, Praga, set. 2008. Disponível em: <http://www.rferl.org/content/Georgia_Russia_Conflict_Changes_Energy_Equation/1194496.html> Acesso em: 11 ago. 2009. 19:00.

RAYFIELD, Ronald. Georgia and Russia – with you, without you. In *Open Democracy*, Londres, out. 2006. Disponível em: <http://www.opendemocracy.net/democracy-caucasus/russia_georgia_3961.jsp> Acesso em: 22 out. 2007. 16:15.

RAYFIELD, Ronald. Russia vs Georgia: a war of perceptions. In *Open Democracy*, Londres, ago. 2007. Disponível em: <http://www.opendemocracy.net/article/russia_vs_georgia_a_war_of_perceptions> Acesso em: 19 jan. 2008. 19:40.

RAYFIELD, Ronald. The Georgia-Russia conflict: lost territory, found nation. In *Open Democracy*, Londres, ago. 2008. Disponível em: <<http://www.opendemocracy.net/article/the-georgia-russia-conflict-lost-territory-found-nation>> Acesso em: 20 jan. 2009. 21:00.

Bibliografia complementar

- BAUMAN, Zygmunt. *A arte da vida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. *Contrafogos*. São Paulo: Zahar, 1998.
- CHOMSKY, Noam. *O império americano*. São Paulo: Campus, 2001.
- FLICK, Uwe. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. Rio de Janeiro: Bookman, 2004.
- FROMM, Erich. *Medo à liberdade*. Porto Alegre: LTC, 1987.
- FOUCAULT, Michel. *Liberalismo como moldura da biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- GADDIS, John Lewis. *História da Guerra Fria*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira 2006.
- HOBBSAWN, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HORKHEIMER, Max. *Teoria crítica*. São Paulo: Perspectiva, 1990.
- JARRY, Roberto. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. Rio de Janeiro: Atlas, 1999.
- LUKÁCS, Georg. *História e consciência de classe*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- MARX, Karl. *Liberdade de imprensa*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2009.
- MELUCCI, Alberto. *Por uma sociologia reflexiva*. São Paulo: Vozes, 2005.
- MILLER, Mark. *Losers take all: election fraud and the subversion of democracy, 2000-2008*. Nova Iorque: Ig Publishing, 2008.
- SEBESTYEN, Victor. *A revolução de 1989*. São Paulo: Globo, 2009.
- SEIERSTAD, Asne. *De costas para o mundo*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- WILSON, John. *Pensar com conceitos*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

6 ANEXOS

[Matérias publicadas no *The New York Times*]

8 de agosto de 2008

BERNARD, Anne; KRAMER, Andrew. Russia sends troops into South Ossetia. *The New York Times*, Nova Iorque, ago. 2008. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2008/08/08/world/europe/08iht-georgia.3.15119155.html?pagewanted=2&_r=2&sq=August 8, 2008&st=cse&scp=27>. Acesso em: 19 set. 2008. 23:00.

9 de agosto de 2008

BERNARD, Anne; SCHWIRTZ, Michael; CHIVERS, C. J.. Russia and Georgia clash over separatist region. *The New York Times*, Nova Iorque, ago. 2008. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2008/08/09/world/europe/09georgia.html?pagewanted=1&_r=1&sq=August 9 2008 georgia russia&st=cse&scp=1>. Acesso em: 20 set. 2008. 22:00.

10 de agosto de 2008

BERNARD, Anne; KRAMER, Andrew; CHIVERS, C. J.. Georgia and Russia nearing all-out war. *The New York Times*, Nova Iorque, ago. 2008. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2008/08/10/world/europe/10georgia.html?_r=1&scp=1&sq=Russia%20georgia%20august%2010%202008&st=cse>. Acesso em: 20 set. 2008. 22:30.

11 de agosto de 2008

BERNARD, Anne; KRAMER, Andrew; CHIVERS, C. J.. Russians push past separatist area to assault central Georgia. *The New York Times*, Nova Iorque, ago. 2008. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2008/08/11/world/europe/11georgia.html?scp=1&sq=Russia%20georgia%20august%2011%202008&st=cse>>. Acesso em: 20 set. 2008. 23:30.

12 de agosto de 2008

BERNARD, Anne; KRAMER, Andrew; SHWIRTZ, Michael. Russian forces capture military base in Georgia. *The New York Times*, Nova Iorque, ago. 2008. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2008/08/12/world/europe/12georgia.html?scp=1&sq=Russia%20georgia%20august%2012%202008&st=cse>>. Acesso em: 21 set. 2008. 19:30.

13 de agosto de 2008

BARRY, Ellen; KRAMER, Andrew. Russia, in accord with Georgians, sets withdrawal. *The New York Times*, Nova Iorque, ago. 2008. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2008/08/13/world/europe/13georgia.html?scp=2&sq=Russia%20georgia%20august%2013%202008&st=cse>>. Acesso em: 21 set. 2008. 22:00.

14 de agosto de 2008

BARRY, Ellen; MYERS, Steven; TAVERNISE, Sabrina. Bush, sending aid, demands that Moscow withdraw. *The New York Times*, Nova Iorque, ago. 2008. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2008/08/14/world/europe/14georgia.html?scp=5&sq=Russia%20georgia%20august%2014%202008&st=cse>>. Acesso em: 22 set. 2008. 21:00.

15 de agosto de 2008

MYERS, Steven; SHANKER, Thom. Bush aides say Russia actions in Georgia jeopardize ties. *The New York Times*, Nova Iorque, ago. 2008. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2008/08/15/world/europe/15policy.html?scp=3&sq=Russia%20georgia%20august%2015%202008&st=cse>>. Acesso em: 22 set. 2008. 22:30.

16 de agosto de 2008

KRAMER, Andrew; LEVY, Clifford. Rice, in Georgia, calls on Russia to pull Out now. *The New York Times*, Nova Iorque, ago. 2008. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2008/08/16/world/europe/16georgia.html?scp=5&sq=Russia%20georgia%20august%2016%202008&st=cse>>. Acesso em: 25 set. 2008. 16:00.

[Matérias publicadas no *Izvestia*]**8 de agosto de 2008**

ИЗВЕСТИЯ, Газета. Грузия де-факто объявила войну Южной Осетии. *Izvestia*, Moscou, ago. 2008. Disponível em: <<http://www.izvestia.ru/georgia1/article3119297/>>. Acesso em: 17 set. 2008. 15:40.

9 de agosto de 2008

ИЗВЕСТИЯ, Газета. Грузия провоцирует Россию на полномасштабный военный ответ. *Izvestia*, Moscou, ago. 2008. Disponível em: <<http://www.izvestia.ru/news/news185298>>. Acesso em: 19 set. 2008. 11:00.

10 de agosto de 2008

ИАШВИЛИ, Александр. Грузинский капрал - "Известиям": "Никогда не думал, что буду стрелять в русских". *Izvestia*, Moscou, ago. 2008. Disponível em: <<http://www.izvestia.ru/georgia1/article3119339/>>. Acesso em: 22 set. 2008. 21:00.

11 de agosto de 2008

ЛИТОВКИН, Дмитрий. Чем воюет Грузия?. *Izvestia*, Moscou, ago. 2008. Disponível em: <<http://www.izvestia.ru/georgia1/article3119352/>>. Acesso em: 22 set. 2008. 23:00.

12 de agosto de 2008

ДМИТРАШ, Мария; НАЧАРОВ, Сергей; ТЕРНОВСКАЯ, Татьяна; ФОКИНА, Ксения. Российских туристов берут в заложники. *Izvestia*, Moscou, ago. 2008. Disponível em: <<http://www.izvestia.ru/georgia1/article3119397/>>. Acesso em: 23 set. 2008. 14:00.

13 de agosto de 2008

ИНОЗЕМЦЕВ, Петр. В Тбилиси сушат сухари. *Izvestia*, Moscou, ago. 2008. Disponível em: <<http://www.izvestia.ru/georgia1/article3119446/>>. Acesso em: 24 set. 2008. 18:00.

14 de agosto de 2008

МАЛИНЬЯК, Тьерри. Косово - да, Южной Осетии - нет. *Izvestia*, Moscou, ago. 2008. Disponível em: <<http://www.izvestia.ru/world/article3119501/>>. Acesso em: 24 set. 2008. 23:30.

15 de agosto de 2008

ИНОЗЕМЦЕВ, Петр. Грузин превращают в зомби. *Izvestia*, Moscou, ago. 2008. Disponível em: <<http://www.izvestia.ru/georgia1/article3119538/>>. Acesso em: 25 set. 2008. 9:00.

16 de agosto de 2008

ЛАТЫШЕВ, Александр. Русские не уйдут. *Izvestia*, Moscou, ago. 2008. Disponível em: <<http://www.izvestia.ru/georgia1/article3119574/>>. Acesso em: 28 set. 2008. 19:00.